

Universidade Do Porto

Faculdade De Letras

Tradução De “Through The Tunnel” E “England Versus England” De Doris
Lessing

Tese De Mestrado Em Estudos Anglo-Americanos

Variante: Tradução Literária

Sob a orientação de: Prof. Dr. Gualter Cunha

Elisabete Andreia Magalhães Machado

2011

Agradecimentos:

Começo por agradecer ao Professor Gualter Cunha, orientador desta dissertação de mestrado, pelo apoio e tempo que disponibilizou para a elaboração deste trabalho. Agradeço também a paciência e rigor que impôs ao meu trabalho.

Agradeço também a alguns professores do Mestrado de Estudos Anglo Americanos, nomeadamente aos de disciplinas de tradução e em especial ao Professor Paulo Eduardo Carvalho que sempre captou os seus alunos com a sua personalidade.

Agradeço aos meus colegas de mestrado e licenciatura pelos momentos de dúvida necessária mas também esclarecimento e incentivo mútuo.

Agradeço também aos amigos a sério, amigos 'secretos', que tanto apoiam e fazem rir nos momentos em que mais precisamos. Sem vocês, este caminho não tinha sido o mesmo.

Tenho ainda que agradecer ao Ruben Coelho pela paciência e incentivo transmitidos nestes últimos anos académicos. Um obrigado é suficiente para compreenderes o que quero dizer.

Agradeço principalmente aos meus pais pela confiança prestada ao longo destes longos anos e pelo apoio, mas também rigor e preocupação fundamental em manter os trabalhos encaminhados.

Resumo:

Doris Lessing foi a autora eleita para realização desta tese de mestrado. Entre diversos contos que compõem as obras da autora, “Through the Tunnel” e “England versus England”, cujas traduções sugeridas são “A passagem do Túnel” e “Inglaterra contra Inglaterra”, foram os seleccionados.

Em adição à tradução, foi realizado um trabalho de pesquisa que visou encontrar outras obras e contos traduzidos para português.

Foi ainda elaborada uma busca por notícias que demonstrassem a recepção da autora na imprensa de Portugal.

A conclusão desta investigação mostrou que existem diversas publicações da autora, revelando a sua importância no panorama literário britânico e português.

Abstract:

Doris Lessing was the author elected to the realization of this Master's thesis. Among varied stories that compile the author's work, “Through the Tunnel” and “England versus England” were the selected to be translated into Portuguese.

In addition to the translation, a research work was made in order to find other works and tales translated into Portuguese.

It was also made a search for news that showed the author's reception in the Portuguese press.

The conclusion of this research showed that there are various publications of this author, exposing its importance in Britannic and Portuguese literary perspective.

Introdução

A presente dissertação de mestrado oferece uma proposta de tradução de dois contos da autora inglesa Doris Lessing, bem como a recepção crítica destes e outros contos e compilações da autora.

Doris Lessing estreou-se na arte da literatura nos anos 50, e é até ao presente uma autora reconhecida pela sua ligação ao realismo e à *short fiction*.

Assim, este estudo recaiu sobre duas *short-stories* que compõem a colecção de contos denominada “Stories”: “Through the Tunnel” e “England versus England”.

A recepção crítica de Doris Lessing em Portugal foi analisada através da pesquisa da aceitação que a autora alcançou na imprensa portuguesa, nomeadamente nas revistas e jornais. De forma a complementar esta recepção foi também feito um estudo que recaiu sobre as obras traduzidas da autora em Portugal e as informações que essas traduções contêm, quer apresentadas através de paratextos ou notas no final das obras. Estes textos abrangem principalmente informações de carácter biográfico e breves resumos das obras e textos que aí se encontram.

Assim, os paratextos foram alvo de análise, visando encontrar-se informações adicionais sobre a autora, a sua vida, obra e sobre os textos narrados nas obras e a situação que inspirou a elaboração dessas obras. Esta pesquisa foi proveitosa pois existem, nos dias de hoje, um número razoável de traduções de obras de Doris Lessing, quer de vários tradutores como de várias editoras.

A recepção crítica baseou-se maioritariamente em notícias retiradas de jornais e revistas e os pontos de referência foram a data da recepção do prémio Nobel da Literatura e da publicação de algumas das obras traduzidas da autora no nosso país.

O objectivo foi desvendar a importância que a autora adquiriu em Portugal, bem como as suas obras e o conseqüente prémio Nobel da Literatura. Estudou-se a data da publicação das traduções presentes em Portugal mas também as publicações que podem ser encontradas nos dias presentes, sendo que estas por vezes diferem.

“Through the Tunnel” e “England versus England”: temas abordados pelas obras

Doris Lessing é uma escritora que aborda diversas questões e problemáticas que afectam ainda o presente, revelando a contemporaneidade da sua escrita. O casamento e a forma como a mulher é caracterizada neste e na sociedade em geral, as conseqüentes dinâmicas familiares e as mais variadas questões sociais e psicológicas inserem-se, entre outros, nas “short-stories” exploradas neste trabalho.

“Through the Tunnel”

Texto que descreve os rituais de passagem da vida de infância e adolescência para a vida adulta.

O protagonista é um rapaz de onze anos que enfrenta um desafio que lhe confere a tão desejada maturidade. Esse desafio surge enquanto o rapaz se encontra de férias com a sua mãe, viúva e particularmente preocupada com o seu filho, e num momento em que se sente sozinho e sem nenhuma figura de referência masculina na sua vida.

A mudança do rapaz vai acontecendo à medida que enfrenta os riscos e o desconhecido que se encerram num túnel debaixo de água. É o túnel que despoleta no rapaz a necessidade de ultrapassar os seus próprios medos e desafios sem a ajuda de qualquer outra pessoa. Este túnel corresponde aos perigos que o rapaz tem que ultrapassar apenas com a sua força corporal e psicológica, de forma alcançar a vida adulta. Então, quando o Jerry consegue alcançar a resistência física necessária para entrar e atravessar o túnel, a sua transição está completa.

Assim, o túnel é entendido como uma personagem devido à importância que tem na vida de Jerry e à sua presença constante, directa ou indirectamente, em *Through the Tunnel*. É o elemento que proporciona o crescimento do rapaz e a sua transição solitária rumo à vida adulta.

Quando o rapaz faz uso da sua força física, revela-se o lugar-comum social que se impõe ao sexo masculino de que esta é a forma como os homens devem encarar e resolver os seus problemas. Por sua vez, a mãe de Jerry é

encarada pelo rapaz como sendo um porto de abrigo, um refúgio quando o medo se apodera de si. Jerry recorre à mãe quando deseja fugir da solidão por si mesmo imposta e quando sente que não está seguro, como se observa, por exemplo, quando o rapaz sangra incessantemente do nariz por ficar demasiado tempo debaixo de água. O rapaz retorna então à mãe quando a tentativa de explorar o túnel se torna demasiado arriscada, no entanto, esconde o perigo que correu, mantendo a sua independência intacta. Jerry contrasta, efectivamente, com a figura da mãe uma vez que ela representa a calma e a segurança e o rapaz o risco e a bravura. Ele expõe também a natureza humana quando leva a cabo a busca por inserção num grupo de rapazes que encontra na praia que frequenta. Aí, o rapaz revela a necessidade de ser aceite em sociedade, num sociedade de indivíduos do sexo masculino, referências que faltam no seu mundo.

“England versus England”

Neste texto de Lessing, o desenvolvimento das personagens e o envolvimento entre elas é afectado por questões sociais.

Os protagonistas são uma família constituída por um pai, Mr. Thornton, uma mãe, Mrs Thornton, e dois filhos, Lennie e Charlie e uma filha. As personagens envolvidas estão todas relacionadas directamente com as principais mas principalmente com Charlie, o filho mais velho do casal.

Charlie, o protagonista, é um jovem educado que se insere na nova geração da Inglaterra que se confronta com a classe trabalhadora que o seu pai representa. O pai é um velho mineiro que lidera uma família conservadora e de costumes tradicionais. Ele personaliza a austeridade do inglês desgastado pelo trabalho que suporta a família e, conseqüentemente, demonstra ter opiniões quanto ao trabalho, à educação e à família muito diferentes das do seu filho. Devido às opiniões antagónicas entre pai e filho, Charlie importa para segundo plano ou omite até a sua instrução académica e os seus conhecimentos. O rapaz esconde a sua voz educada da classe média em que agora que estudava se inseria, a sua “outra voz” como é descrita na obra, e o seu vocabulário erudito, de forma a manter a relação entre si e os seus familiares equilibrada e sem qualquer tipo de ressentimento contra si.

Doris Lessing apresenta na obra mulheres submissas, que se deixam dominar pelos interesses de maridos e filhos. Deste modo, Charlie revela-se igualmente um elemento excluído da sua própria cultura de origem. O rapaz demonstra incompreender o modo como as mulheres da sua sociedade são tratadas, mostrando mesmo desagrado no facto da sua mãe não ter qualquer gosto em cuidar de si, em perder tempo só para si própria. Charlie relata inclusive uma conversa que teve com a sua mãe em que lhe disse que ela perdia dinheiro ao ir trabalhar para Doncaster mas que esta lhe respondeu que enquanto o fazia via um pouco de vida. O rapaz não compreende como a mãe se sente na obrigação de ter que trabalhar para poder sair de casa pois acredita que não tem o direito de simplesmente sair para se divertir. Esta mulher espelha as preocupações sociais da época ao surgir como um elemento do sexo feminino a quem a necessidade de agradar a família não deixa transparecer a vontade de ser independente.

No entanto, também as raparigas com quem Charlie se envolve (Sally e Jenny) são também elas submissas às suas vontades, revelando que certos ideais da geração do seu pai foram herdados por Charlie.

Obras de Doris Lessing traduzidas em Portugal

Doris May Lessing iniciou a sua carreira literária nos anos 50 e tornou-se numa das mais aclamadas escritoras do século XX. Abrangeu os mais variados temas e formas literárias. Foi jornalista, poeta, romancista, compôs *short-stories*.

Ao longo de mais de sessenta anos, têm sido publicados vários contos traduzidos da autora, havendo por isso um número razoável de publicações de diversos tradutores e diferentes edições.

Os primeiros registos de traduções de obras da autora em Portugal datam do início da metade do século XX. Até ao presente, foram publicadas traduções portuguesas de dezassete obras da autora, entre elas, “short-stories”, uma série de ficção científica, contos.

A primeira obra traduzida de Doris Lessing que consta na Base Nacional de Dados Bibliográficos da Biblioteca Nacional de Portugal é de *The Grass is Singing*, em português, *A Erva Canta*, elaborada por Inês Busse, publicada por Europa-américa (Mem Martins), em 1950. O segundo texto que surge é *Declaration*, em português, *Depoimentos dos “angry men”*, uma tradução de Artur Portela Filho, publicada pela Presença (Lisboa), em 1963. *A Revoltada*, com o título original *Martha Quest*, foi traduzido por Virginia Mota, pela editora Livros do Brasil (Lisboa), em 1964. O texto seguinte denomina-se originalmente *A Man and Two Women* e foi traduzido para português por António Gonçalves como *Um Homem e Duas Mulheres*. Foi editado por Ulisseia (Lisboa), em 1965.

No início dos anos 70, *A Proper Marriage*, traduzido como *Um Casamento Apropriado* por Fernanda Pinto Rodrigues, foi publicado por Livros do Brasil (Lisboa). A mesma tradutora compôs *O Verão Antes das Trevas*, tradução de *The Summer before the Dark*, publicado também por Livros do Brasil (Lisboa), em 1974. Fernanda Pinto Rodrigues traduziu também *A Ripple from the Storm*, publicado igualmente por Livros do Brasil, em 1985. Em 1989, pela mesma tradutora e mesma editora surge *Os Diários de Jane Sommers: se os velhos pudessem...*, do texto original *The Diaries of Jane Sommers: if the old could...* No ano seguinte, e novamente Fernanda Pinto Rodrigues e

Europa-América editam *Os Diários de Jane Sommers: diário de uma boa vizinha*, tradução de *The Diaries of Jane Sommers: the diary of a good neighbour*.

Fernanda Pinto Rodrigues é a tradutora com mais obras em Portugal pois traduziu ainda *O Sonho mais Doce*, original *The Sweetest Dream*, publicado em 2007, pela Presença (Lisboa). E em 2008, traduziu *As Avós e Outras Histórias*, em português *The Grandmothers*, também publicado pela Presença (Lisboa).

The sentimental agents in the Volyen, em português, *Documentos relativos aos agentes sentimentais no Império Volyen: Canopus em Argos* foi traduzido por Margarida Gomes e Eduardo Gomes e publicado por Europa-América (Mem Martins), em 1986.

The Good Terrorist, em português, *A Boa Terrorista*, foi traduzido por Bernardette Pinto Leite, publicado por Europa-América (Mem Martins), também em 1988. No mesmo ano, encontramos *O Quinto Filho*, tradução de *The Fifth Child* elaborada por Adelina Antunes e publicada por Publicações Europa-América (Lisboa).

Já a meio da década de 90, *Gatos e mais gatos*, traduzido do texto *Cats and more cats* por Maria Isabel Barreno, é publicado por Cotovia (Lisboa). *Amar de novo*, tradução de *Love Again*, elaborada por Lucília Rodrigues, foi publicada por Europa-América (Mem Martins), em 1997.

Em 2008, encontramos as duas últimas traduções de textos de Doris Lessing. Uma foi já referida e a outra é *A Fenda*, tradução de *The Cleft*, tendo sido elaborada por Alice Rocha e publicada pela Editorial Presença (Barcarena).

Recepção crítica de Doris Lessing em Portugal

Na procura de notícias sobre Doris Lessing, os temas de pesquisa foram obviamente as publicações das suas obras, mas igualmente notícias sobre o facto de a autora ter ganho o prémio Nobel em 2007. Talvez por essa razão todas as notícias encontradas sejam relativas principalmente a esse ano ou ao ano seguinte e sejam retiradas de jornais diários ou revistas da actualidade.

Aclamação com o prémio Nobel da Literatura

A primeira notícia relativa a este acontecimento consta do jornal *Expresso* que data do dia 11 de Outubro de 2007 e tem como título “Doris Lessing vence contra as previsões”. É descrito que o Comité Nobel qualificou a escritora como “contadora épica da experiência feminina, que com cepticismo, ardor e força visionária perscruta uma civilização dividida.” No entanto, pode entender-se que a autora não foi uma vencedora consensual ao ler-se “Em Portugal, as opiniões continuaram divididas mesmo após ser conhecida a decisão” e “A escolha de Lessing é igualmente polémica fora de Portugal.” Doris Lessing é ainda descrita como tendo sido a 11^a mulher a vencer o prémio Nobel desde que esta entrega se iniciou.

Ainda a 11 de Outubro, encontramos no mesmo jornal a notícia de que José Saramago, o único autor português agraciado com o mesmo Nobel em 1998, considerou a atribuição do prémio a Doris Lessing como “mais do que merecido.” O escritor acrescentou que conheceu a autora e que o prémio até já devia ter-lhe sido atribuído anos antes, uma vez que toda a sua obra é de elevada qualidade.

O jornal Público anuncia, no mesmo dia, “Prémio Nobel da Literatura para Doris Lessing” e acrescenta que o director da Academia declarou que a atribuição do prémio a Lessing foi das mais pensadas. Na notícia são ainda mencionadas algumas obras publicadas pela autora e a sua envolvência política.

Publicação de obras de Doris Lessing em Portugal

A primeira notícia relacionada com a publicação de um livro de Lessing em Portugal pertence ao jornal *Diário de Notícias*, do dia 18 de Outubro de 2007, que nos diz que “Editorial Presença lança livro de Doris Lessing” e tem como subtítulo “«O sonho mais doce» é a sua mais recente obra da actual detentora do Nobel da Literatura publicada em Portugal.” Destaca ainda que “é o primeiro título da autora britânica que a Editorial Presença publica, estando ainda a negociar os direitos da obra completa para Portugal”, uma vez que as obras de Lessing estão editadas pela Cotovia, Livros do Brasil e Europa-América. Esta notícia é ainda composta por um anexo denominado “Romance com referências ao desarmamento nuclear e ao flagelo da SIDA”, que anuncia também que após a nomeação da autora para o Prémio Nobel da Literatura, todas as publicações da autora, da editora Europa-América, foram vendidas.

O mesmo jornal publica no dia 21 de Abril de 2008 “Doris Lessing edita em Maio última obra literária” e acrescenta que “«Alfred & Emily» baseia-se na história dos pais da escritora”. No seguimento da notícia é feita uma pequena apresentação biográfica da autora que “ao fim de 50 livros publicados ajusta contas com o passado” através deste livro.

Por sua vez, a revista *Visão* publica no dia 23 de Abril do mesmo ano “Primeiro Eva, só depois Adão,” notícia que se debruça, conjuntamente com outras notícias, na publicação em português de *A Fenda*. Neste artigo pode consultar-se o tema e a história visados na obra, bem como a sua reacção pública. “Há quem tenha olhado este livro como um poderoso manifesto feminista.”

A revista *Actual* do jornal *Expresso* divulga “Chorar pela mãe” é também uma reacção à publicação da obra acima citada. Após uma nova descrição da história narrada, o redactor descreve o objectivo da autora: “satirizar velhos comportamentos estereotipados”, relevando que esta foi uma obra pela qual particularmente as mulheres esperavam.

A 10 de Junho, n’ *O Blogue do JL, Blogue de Letras, Artes e Ideias*, surge uma publicação peculiarmente diferente das anteriores. Neste artigo “Gatos e mais gatos”, é descrita a vivência de Doris Lessing com estes animais como justificação da escrita de um livro sobre estes seres felinos. O livro é

descrito como “momentos, apontamentos, ronronares que, mesmo para quem não gosta muito de gatos, cativam”, relevando novamente a capacidade de cativação da escrita da autora.

A 1 de Setembro de 2008, o *Jornal De Notícias* releva a publicação de *As avós e outras histórias*, de Doris Lessing, em Portugal. Nesta notícia todas as informações são, mais uma vez, de carácter biográfico ou relacionadas com o prémio Nobel.

Do mesmo modo, a revista *Ípsilon* do jornal *Público* noticia, a 12 de Setembro do mesmo ano, e igualmente acerca da publicação da obra de Lessing, uma sinopse dos textos que constam em *As avós e outras histórias*.

Ainda a mesma revista publica a 12 de Dezembro de 2008 que Doris Lessing foi uma autora que se relevou exímia na área da ficção científica. Nesta notícia é enaltecido o facto de a autora nunca ter tido qualquer problema em assumir que escrevia e apreciava ficção científica.

Doris Lessing em publicações académicas

As obras da autora inglesa foram ainda sujeitas a estudos académicos publicados em revistas de algumas Faculdades de Letras de Portugal.

Em 2005, na *Revista de Estudos Anglísticos na Universidade de Lisboa: III. Dissertações de Doutoramento (1959-2004)* deparámo-nos com a notícia da publicação de uma tese de doutoramento sobre a obra de Lessing. A autora dessa publicação, em 1987, foi Luísa Maria Rodrigues Flora que elaborou *De Olhos Abertos para a Espiral dos Tempos: Aprendizagem do Romance de Doris Lessing*. Luísa Maria Rodrigues Flora abordou na sua dissertação questões relacionadas com o exílio e a sobrevivência, viagens e círculos de violência, entre outras.

Também em 2005, mas na 2ª Série da mesma revista e com o título *II. Dissertações de Mestrado (1985-2003)*, surge a informação da publicação de uma tese de mestrado intitulada *O Pesadelo da Repetição: Imagens da Condição Feminina em Contos de Doris Lessing*. A dissertação foi publicada em 2003 e pertence a Amélia Maria da Conceição Miranda Joaquim.

Neste estudo inserido na área da Literatura Inglesa, a autora aborda temas como a tradição e o presente e o casamento e a maternidade.

Maria Adelaide Maia Torres elaborou, em 2009, uma dissertação de mestrado no âmbito do feminismo e da utopia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em *De Herland de Gilman a The Cleft de Lessing : a revisão da ideia de humano*, Maria Adelaide Torres disserta sobre a origem do Homem e sobre a sociedade utópica composta apenas por mulheres que Doris Lessing cria em *The Cleft*, obra denominada *A Fenda*, em português.

Existe ainda uma dissertação de mestrado no âmbito da vertente dos Estudos sobre as Mulheres, na Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho pode ser consultado através do Catálogo Histórico do Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elna Guimarães uma vez que foi a fonte para a realização do mesmo. *Os Feminismos Através das Suas Autoras* é um trabalho que evidencia os vários contornos que delinearam o feminismo e as várias obras em que este surgiu, quer por força das vivências das mulheres, quer pelas mudanças temporais que foram, naturalmente, ocorrendo.

Introduções às obras de Doris Lessing

Todas as traduções para português das obras de Doris Lessing contêm na contra-capa ou no dorso uma breve descrição sobre a vida da autora ou a história presente no livro. Em determinadas edições, os paratextos acompanham tanto as contracapas como os textos iniciais das obras, contendo, na grande maioria, informações biográficas da autora.

O primeiro paratexto encontra-se precisamente na primeira obra encontrada, *A Erva Canta*, que foi publicada em Portugal, em 1964. Nesta tradução de Daniel Gonçalves, são enaltecidas as competências literárias da autora referindo que “Situado na Rodésia do sul, o conflito desde livro de Doris Lessing é um conflito dos nossos dias, entre negros e brancos, narrado de forma exuberante, num estilo muito seguro, que afirma principalmente a capacidade de uma escritora já considerada na moderna literatura inglesa.” (Gonçalves:1964)

Em *Um Homem e Duas Mulheres*, de António Gonçalves há uma especial dedicação aos paratextos, tendo ambas as suas traduções textos adicionais que em muito complementam a informação sobre a autora e a história narrada na obra.

Na tradução de 1965, António Gonçalves descreve Doris Lessing como sendo uma “tradutora polémica” (Gonçalves:1965) e “escritora de síntese ideológica, [que] analisa metodicamente a evolução político-cultural da Inglaterra do após-guerra. Analisa historicamente, mas sem desvarios proféticos.” (Gonçalves:1965) O tema da situação política internacional durante os anos 60 foi também muito explanado nas obras de Lessing. O tradutor acrescenta ainda na contra-capa dados sobre a personagem principal do texto, o ambiente social que a rodeia, e adiciona que “o estilo de Doris Lessing é dúctil, confessional, mas sempre sóbrio.” (Gonçalves:1965)

Na edição de 2007, da colecção Clássicos da Literatura Contemporânea, é realçada a entrevista concedida por Lessing à revista *Salon*, na qual a autora descreve a sua mudança de vida da Rodésia do Sul para Londres, em 1949. O tradutor refere mais uma vez que “as figuras-chave são muitas vezes mulheres de meia-idade que tomam de súbito consciência da crise social que as rodeia e do vazio que ameaça a sua própria vida familiar” (Gonçalves:2007), retomando

a ideia de Doris Lessing como uma autora que privilegiou sempre nas suas narrações o tema do feminismo e o poder da mulher em sociedade. Efectivamente, o feminismo e a visão feminina da situação do mundo foi um baluarte da escrita de Lessing. Muitas das colectâneas da obra da autora relatam histórias sobre mulheres, a maternidade e outras questões sociais relacionadas com elas. António Gonçalves enaltece também a “inexcedível mestria” (Gonçalves:2007) com que a autora cria as suas histórias.

No paratexto de *O Verão Antes das Trevas* contemplamos um elogio à escrita de Lessing. Neste romance da colecção Dois Mundos lê-se “uma obra de primeira grandeza que vem contribuir para impor Doris Lessing entre as escritoras mais prestigiadas do nosso tempo.” (Rodrigues:1974) Nesta tradução de Fernanda Pinto Rodrigues é ainda referido que este é um romance fundamental da literatura da época e um êxito extraordinário. Na contracapa conta-se que, como foi referido anteriormente, os problemas das mulheres são o assunto preferencialmente eleito por Lessing nas suas criações e que, com este livro, a autora atinge um dos pontos mais altos na sua carreira literária.

Em *Documentos relativos aos agentes sentimentais no Império de Volyen: Canopus em Argus: arquivos*, tradução de Margarida Gomes e Eduardo Gomes e uma das poucas obras de ficção científica de Lessing traduzidas para português, sobressai a referência de que estes *Documentos* se “insere[m] na melhor tradição de sátira social de Voltaire e Swift.” (Gomes:1986)

Também em *O Quinto Filho* se salienta o “estilo incisivo da escrita” (Rodriguez:1988) de Lessing que leva o leitor a uma ligação “compulsiva” com a obra, não a abandonando até ao fim da sua leitura.

Na obra *A Boa Terrorista* (1988) deparamo-nos com uma novidade face às outras publicações pois encontramos as reacções de diferentes jornais e revistas literárias inglesas. O jornal *London Review of Books* descreve a legibilidade da escrita da autora e a sua capacidade de distracção durante a leitura mas, simultaneamente, a minuciosidade da escrita. Por sua vez, o jornal *Sunday Times* destaca a sua “agilidade narrativa” com que aborda os temas mais polémicos da subcultura marxista da época, da Grã-Bretanha.

Na tradução de Alice Rocha de *A Fenda*, a contracapa é um incentivo à imaginação do leitor, sendo narrada breve mas meticulosamente a história da

obra. Neste paratexto é descrito que esta é uma reflexão sobre a relação entre ambos os sexos e “um retrato [...] da natureza simultaneamente transitória e imutável dos seres humanos, com os sentimentos de ambição, vulnerabilidade, dependência e incompletude que a caracterizam.” (Rocha:2008)

Na obra *As Avós e Outras Histórias*, presente na colecção Grandes Narrativas, o editor refere que o “leitor [se] encontra perante quatro novelas à primeira vista bastante diferentes” (Rodrigues:2008) e descreve brevemente os enredos destas novelas. É descrito que, apesar de as histórias serem aparentemente distintas, o que as une é uma “amarga nostalgia por um mundo perdido” (Rodrigues:2008), pois esta nostalgia é alcançada pela escrita de Doris Lessing.

Dificuldades encontradas nas traduções

Aquando da tradução das obras de Doris Lessing surgiram, naturalmente, algumas dúvidas ou problemas no encontro de palavras ou expressões na língua portuguesa que correspondessem às originais na língua inglesa.

A obra *The Translation Studies Reader* foi, sem dúvida, um apoio na decisão de como traduzir e qual o tipo de tradução que devia ser elaborada. Isto é, tendo como ponto de orientação o esquema de Eugene Nida, há diferentes regras no acto de traduzir. Por isto, e classificando, segundo o autor, as traduções elaboradas, estas poderão ser consideradas “«gloss translation», in which the translator attempts to reproduce as literally and meaningfully as possible the form and content of the original” (2004:156).

A tradução de certas expressões idiomáticas encontradas na obra original foram, por isso, problemáticas pois não foi possível manter a fidelidade à forma e ao conteúdo de igual forma. Por exemplo, em *England versus England*, encontramos a expressão “You can’t teach an old dog new tricks” (1980:287) que é descrita pelo Oxford Advanced Learner’s Dictionary como:

(You cannot) successfully make people change their ideas, methods of work, etc, when they have had them for a long time. (Hornby: 2005)

A expressão não encontra tradução literal mas uma expressão igualmente usada em português e com a mesma significação. Para se alcançar então uma correspondência, a expressão portuguesa escolhida pendeu sobre o ditado “burro velho não aprende línguas”, pois é aquela que vai de encontro à descrição da expressão original. Este processo é denominado por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet de equivalência pois é dito o mesmo através de dois textos completamente diferentes em termos estilísticos e estruturais.

Aquando da descrição da rapariga que está no compartimento em que Charlie segue no comboio, surge a dúvida de como traduzir o tecido que compõe o colo (talvez a saia) da rapariga. Veja-se:

The girl now sat, two small brown-gloved hands in a ginger-tweed lap, staring him out. (2007:298)

Recorrendo ao Oxford Advanced Learner's Dictionary encontramos a seguinte definição para *tweed*:

n. a type of thick rough cloth made of wool that has small spots of different coloured thread in it. (Hornby: 2005)

Procurando uma palavra equivalente em português, a mais correcta seria *lã*, no entanto, este tecido é um tipo de lã especial pois forma um padrão característico deste material. Tendo em conta que não há uma palavra que traduza directamente a original e que esta é relativamente conhecida em Portugal, manteve-se a palavra *tweed* esperando-se que apesar de não ser uma tradução seja reconhecida pelo leitor.

Tendo em consideração a técnica descrita por Vinay e Darbelnet como “*adaptação*”, este foi um problema que se estendeu a ambas as obras de diferente modo. Confirme-se que em *Through the Tunnel*, a medida de comprimento usada nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, isto é, *yards*, foi modificada para a medida correspondente em Portugal, ou seja, para metros. Não tendo sido necessária uma equivalência numérica específica, a solução encontrada foi precisamente a adaptação da medida, pois como é referido em *Translation and Language* “the receiving culture has little or nothing in its experience” (1997:39), ou seja, se fosse necessária a tradução de um número exacto, o leitor não saberia adaptar para o seu conhecimento o que o autor queria especificar. No entanto, em *England versus England*, esta técnica não foi utilizada uma vez que nos deparámos, no texto original, com o exemplo de que “Lennie earned seventeen pounds a week” (1980:285). A solução de tradução encontrada foi a conservação da medida monetária inglesa e não a mudança para a medida usada em Portugal. Esta diferenciação deve-se ao facto da medida ser possivelmente mais conhecida do leitor português e de, na obra, a *pounds* servir meramente para comparar o vencimento de ambas as personagens (Charlie e Lennie).

Por sua vez, ainda em *England versus England*, a medida de comprimento portuguesa substitui a original (“(...) *whose blade was nine inches*

by ten.” 1980:287). Uma vez que é necessário descrever-se com precisão o tamanho da lâmina da pá, o comprimento desta foi adaptado para uma medida que o leitor português entendesse.

A forma de tratamento em *England versus England* apresenta-se como um assunto que levanta também algumas questões. Sabe-se que quando Charlie viaja no compartimento do comboio não conhece nenhum dos outros três ocupantes. Logo, é questionável se se deve assumir que a diferença de idades marca a forma de tratamento. Por exemplo, a mulher é descrita como alguém com o cabelo a tornar-se grisalho, por sua vez, Charlie tinha mais do que vinte anos pois é dito na obra que Lennie tinha vinte e era mais novo do que Charlie. Poderá, por isto, a mulher tratar Charlie por tu? No entanto, sabemos que ambos não se conheciam, logo a diferença de idades pode não significar nada e o respeito terá que se reger pela falta de confiança mútua.

A mesma dúvida surge a propósito da rapariga que também se encontra no compartimento. Pressupõe-se que Charlie e a rapariga façam parte da mesma faixa etária, contudo, como também apenas privaram naquele momento no comboio, a forma de tratamento é dúbia.

Ainda em *England versus England*, surge a expressão “trick cyclist” (1980:291) para descrever o psicólogo a quem Charlie se dirige. A busca por palavra equivalente em português foi praticamente impossível pois traduzindo literalmente a expressão não tem qualquer sentido ou conotação relacionada com a psiquiatria. Procurou-se então um sinónimo para psiquiatra e adoptou-se a expressão “alienista”.

Surge ainda a expressão “forty winks” quando o homem que também segue no compartimento diz:

I think I am going to get forty winks” (1980:299)

Investigando uma definição no dicionário anteriormente mencionado, encontramos:

n. (informal) a short sleep, especially during the day. (Hornby: 2005)

A expressão significa que o homem irá dormir um pouco, no entanto, é necessário encontrar uma frase igualmente idiomática que traduza a intenção da personagem. Entendendo que esta acção do homem é realizada durante o dia, a oração portuguesa deve exprimir algo que se relacione com “dormir a sesta”, daí recair sobre esta frase a escolha da tradução.

Deparamo-nos também com a expressão “burn the candle at both ends” (1980:290). Recorrendo, mais uma vez, ao Oxford Advanced Learner’s Dictionary encontramos a seguinte definição:

To become very tired by trying to do too many things and going to bed late and getting up early. (Hornby: 2005)

Assim, traduzindo a expressão “burn the candle at both ends” directamente para a língua portuguesa não é possível oferecer-lhe qualquer significado inteligível. Todavia, também não existe nenhuma expressão portuguesa que esteja relacionada com a original. Não tendo sido encontrada expressão idiomática compatível em português, esta teve que ser desconstruída e adaptada ao vocabulário português, como se pode ver na tradução mais adiante neste trabalho.

Ainda no âmbito das frases idiomáticas encontra-se, na mesma obra, a expressão “a drug on the market”, que traduzido literalmente não tem o mesmo sentido que a original. A frase expressa que algo está no mercado em grande abundância. Assim, traduzindo a frase:

He, Charlie (...) Bachelor of Arts, Oxford, and a drug on the market.”
(1980:286)

houve a necessidade de se adaptar a expressão para português mostrando-se apenas que Charlie era, agora, apenas mais um no mercado.

Na leitura de *England versus England*, deparamo-nos ainda com a oração “you don’t throw a good penny after a bad one” (1980:298). Esta expressão expõe que se gasta mais e mais dinheiro em algo que não vale a pena pois não vai evoluir, por exemplo.

Um problema que se pôs na tradução de *Through the Tunnel* foi o uso em português dos artigos e pronomes. Devido ao uso corrente dos pronomes pessoais, principalmente de 'he', e dos pronomes possessivos, nomeadamente 'his', por se apresentarem de uso obrigatório, a adaptação ao português implicou uma omissão destas palavras, uma vez que em português a precisão da referência é desnecessária pois está subentendida.

Logo no início da tradução de *Through the Tunnel* surge o problema acerca da tradução da palavra *shore* na frase "Going to the shore on the first morning of the vacation." (1989:3) Procedendo a uma tradução literal, a palavra correspondente é *costa* ou *praia*, no entanto, surge ao longo da obra a palavra *beach*, que traduz-se também como *praia*. Teve, portanto, que se encontrar uma forma de distinguir uma expressão da outra, por isso, procedeu-se a uma pesquisa acerca das duas palavras. Então:

Beach: n. an area of sand, or small stones, beside the sea or a lake.

Shore: n. the land along the edge of the sea or ocean, a lake or another large area of water. (Hornby: 2005)

Considerando ambos os significados, "beach" tomou a forma de "praia", o local onde a mãe de Jerry apanha banhos de sol e onde o rapaz se refugia, e "shore" traduziu-se como "costa", a zona que envolve a praia, constituída pela área de areal, das rochas, etc.

Conclusão

Após este estudo sobre Doris Lessing e a sua recepção em Portugal, podemos concluir que a autora inglesa foi bastante acarinhada pelo público português.

Das cinquenta obras da autora, estima-se que cerca de vinte tenham sido traduzidas para o Português do nosso país. Apesar de a pesquisa não ter encontrado frutos acerca das publicações de todas estas obras (muitas porque não foram publicitadas pela imprensa), observa-se um razoável número de artigos e notícias sobre determinadas da Editorial Presença, por exemplo.

Doris Lessing foi também alvo de estudo de número considerável de publicações académicas, entre elas, dissertações de mestrado e trabalhos relacionados directamente com o feminismo. A autora é uma figura incontornável quando desse tema se fala, uma vez que muitas das suas obras relatam histórias sobre mulheres e os assuntos relacionados com elas.

Um acontecimento relacionado com Doris Lessing evidentemente noticiado foi a atribuição do prémio Nobel da Literatura. Como se comprovou através das informações prestadas, esta não obteve uma reacção consensual pois muitos outros autores acreditaram que não deveria ser a autora a ganhar o prémio, devido à sua proximidade à literatura de ficção científica, ou capacidade de escrita descrita como elementar por alguns.

No entanto, os paratextos presentes nas obras de Doris Lessing descrevem-na como uma autora exemplar, com inúmeras capacidades literárias e com um lugar de destaque no panorama literário português.

A passagem do túnel

A caminho da costa na primeira manhã das férias, o jovem inglês parou numa curva do caminho e olhou para baixo para uma baía selvagem e rochosa, e depois para a praia lotada que ele conhecia tão bem de outros anos. A mãe dele continuou a andar à sua frente, levando uma bolsa brilhante às riscas numa mão. O seu outro braço, balançando livremente, era muito branco ao sol. O rapaz observou aquele braço branco, despido, e voltou os olhos, com um franzido atrás deles, em direcção da baía e de novo para a sua mãe. Quando ela sentiu que ele não estava com ela voltou-se. “Ah, lá estás tu, Jerry!” disse. Parecia impaciente, depois sorriu. “Porquê, querido, preferias não vir comigo? Preferias...”. Franziu as sobrancelhas, preocupando-se conscientemente com os divertimentos por que ele poderia secretamente ansiar, e que ela tinha estado muito ocupada ou desatenta para imaginar. Ele estava familiarizado com aquele sorriso ansioso e apologético. O arrependimento fê-lo correr atrás dela. Contudo, enquanto corria, olhou para trás por cima do ombro para a baía selvagem; e toda a manhã, enquanto brincava na praia segura, pensava nela.

Na manhã seguinte, quando era hora da rotina de nadar e bronzear, a mãe disse “Estás cansado da praia habitual, Jerry? Preferias ir para outro lugar?”

“Oh, não!” disse rapidamente, sorrindo para ela devido àquele impulso inabalável de arrependimento – uma espécie de cavalheirismo. Todavia, seguindo pelo caminho com ela, deixou escapar “Gostava de ir e observar aquelas rochas ali em baixo.”

Ela deu atenção à ideia. Era um lugar com ar selvagem, e não havia lá ninguém; mas disse “Claro, Jerry. Quando estiveres farto, vem para a praia grande. Ou vai directo para casa, se preferires.” Ela foi-se embora, aquele braço descoberto, agora levemente avermelhado do sol do dia anterior, a balançar. E ele quase correu atrás dela outra vez, sentindo que era intolerável que ela fosse sozinha, mas não o fez.

Ela estava a pensar, “Claro que ele é crescido o suficiente para estar seguro sem mim. Será que o tenho mantido perto demais? Ele não deve sentir que tem de estar comigo. Tenho de ter cuidado”.

Era filho único, onze anos. Ela era viúva. Estava determinada a não ser nem possessiva nem lhe faltar em dedicação. Foi-se embora, preocupada, para a sua praia.

Quanto a Jerry, assim que viu que a sua mãe alcançou a praia dela, começou a descida íngreme para a baía. De onde ele estava, bem alto entre rochas castanhas avermelhadas, era uma concha de azul esverdeado com margens brancas em movimento. À medida que ia descendo, viu que esta se estendia por entre pequenos promontórios e enseadas de rochas ásperas e afiadas, e a superfície pura e a salpicar mostrava manchas de púrpura e azul mais escuro. Finalmente, enquanto corria deslizando e raspando os pés nos últimos metros, viu a orla de rebentação branca e o movimento superficial e luminoso da água sobre a areia branca, e, mais longe, um azul sólido, carregado.

Correu directamente para a água e começou a nadar. Era um bom nadador. Andou rápido sobre a areia reluzente, sobre uma região média onde as rochas se estendem como monstros descoloridos sob a superfície, e depois estava no mar a sério – um mar quente onde correntes frias irregulares da água profunda abalavam os seus membros.

Quando estava tão longe que podia olhar não apenas para a pequena baía mas para além do promontório que estava entre esta e a grande praia, boiou na superfície alegre e procurou a sua mãe. Lá estava ela, um bocado amarelo debaixo de um guarda-sol que parecia uma fatia de casca de laranja. Nadou de volta para a costa, aliviado ao ter a certeza que ela estava lá, mas subitamente muito sozinho.

Na margem de um pequeno cabo que marcava o lado da baía fora do promontório havia rochas soltas espalhadas. Sobre elas, estavam alguns rapazes a despir -se. Vieram a correr, nus, até às rochas. O rapaz inglês nadou em direcção a eles, mas manteve uma pequena distância. Eles eram daquela costa; todos eles estavam queimados com um bronzeado lustroso e a falar uma língua que ele não percebia. Estar com eles, ser um deles, era um desejo que preenchia o seu corpo todo. Nadou para um pouco mais perto; eles voltaram-se e observaram-no com olhos escuros apertados e atentos. Então, um sorriu e acenou. Foi suficiente. Num minuto, voltou a nadar e estava nas rochas junto a eles, a sorrir com uma súplica desesperada e nervosa. Gritaram

saudações alegres para ele; e depois, como mantinha o seu sorriso nervoso e incompreendido, perceberam que era um estrangeiro desviado da sua própria praia, continuaram a desprezá-lo. Mas ele estava feliz. Estava com eles.

Começaram a mergulhar, uma e outra vez, de um ponto alto para um poço de mar azul entre rochas ásperas e pontiagudas. Depois de terem mergulhado e vindo à tona, nadavam, puxavam-se e esperavam pela sua vez para mergulhar de novo. Eram rapazes crescidos – homens, para Jerry. Ele mergulhou e eles observaram-no; e quando nadou para tomar o seu lugar, abriram caminho para ele. Sentiu que tinha sido aceite e mergulhou novamente, com cuidado, orgulhoso de si mesmo.

Logo, o maior dos rapazes balançou-se, atirou-se para dentro da água, e não veio à tona. Os outros andaram por ali, a olhar. Jerry, após esperar que a cabeça castanho-escura polida aparecesse, soltou um grito de alerta; eles olharam para ele de forma indiferente e voltaram os olhos de novo para a água. Depois de muito tempo, o rapaz veio à tona do outro lado de uma grande rocha escura, deixou sair o ar dos pulmões num arfar crepitante e num grito de triunfo. Os outros mergulharam imediatamente. Num momento, a manhã parecia repleta de rapazes tagarelas; no outro, o ar e a superfície da água estavam vazios. Mas, através do azul forte, podiam ser vistas as formas escuras a mexer e a tactear.

Jerry mergulhou, passou disparado pelo cardume de nadadores subaquáticos, viu uma parede negra de rocha a agigantar-se, tocou-lhe, e subiu imediatamente para a superfície, onde a parede era uma barreira baixa através da qual ele podia ver. Não havia ninguém visível; debaixo dele, na água, as formas turvas dos nadadores tinham desaparecido. Depois um, e depois outro dos rapazes veio à tona, do outro lado da barreira de pedra, e ele percebeu que eles tinham nadado através de alguma abertura ou buraco nela. Mergulhou novamente. Não conseguia ver nada através da água salgada cortante senão a rocha intacta. Quando veio à tona, os rapazes estavam todos na rocha de mergulho, preparados para tentar a proeza outra vez. E, agora, num pânico do fracasso, gritou “Olhem para mim! Olhem!” e começou a chapinhar e a espernear como um cão louco.

Eles olharam para baixo com ar sério, franzindo a sobrancelha. Ele conhecia o desdém. Em momentos de fracasso, quando fazia palhaçadas para

reivindicar a atenção da mãe, era com esta inspecção séria, embaraçada que ela o recompensava. Através da vergonha ardente, sentindo o sorriso largo suplicante na cara dele como uma cicatriz que nunca poderia remover, olhou para cima para o grupo dos grandes rapazes bronzeados na rocha e gritou “Bonjour! Merci! Au revoir Monsieur, monsieur!”, enquanto arqueava os dedos em volta das orelhas e as abanava.

A água ondeou para dentro da sua boca; engasgou-se, afundou, veio à tona. A rocha, recentemente sobrecarregada com os rapazes, parecia erguer-se para fora da água conforme o peso deles era retirado. Voavam para baixo passando por ele, agora, para dentro de água; o ar estava cheio de corpos em queda. Depois, a pedra estava vazia na quente luz do sol. Contou um, dois, três...

Aos cinquenta, ficou aterrorizado. Devem estar todos a afogar-se abaixo dele, nas cavernas húmidas da rocha! Aos cem, olhou fixamente ao redor a encosta vazia, pensando se devia gritar por ajuda. Contou mais e mais depressa, para os apressar, para os trazer para a superfície mais rápido, para os afogar mais rápido – qualquer coisa mais que o terror de contar sem parar no vazio azul da manhã. E depois, aos cento e sessenta, a água além da rocha estava cheia de rapazes a soprar como baleias castanhas. Nadaram de volta para a terra sem um olhar para ele.

Subiu de novo para a rocha de mergulho e sentou-se, sentindo a sua aspereza quente debaixo das coxas. Os rapazes estavam a reunir as suas peças de roupa e a correr pela costa para outro promontório. Iam embora para fugir dele. Chorou abertamente, punhos nos olhos. Não havia ninguém que o visse, e chorou convulsivamente.

Parecia-lhe que tinha passado muito tempo, e nadou para onde podia ver a mãe. Sim, ela ainda estava ali, um ponto amarelo debaixo de um guarda-sol laranja. Nadou de volta para a grande rocha, subiu, e mergulhou no poço azul entre os pedregulhos dentados e agastados. Desceu, até que tocou na parede de rocha outra vez. Mas o sal era tão doloroso nos seus olhos que ele não conseguia ver.

Veio à superfície, nadou para a costa e voltou para a casa de férias para esperar pela mãe. Passado pouco tempo, ela subiu lentamente o caminho,

balançando a sua bolsa às riscas, o braço rosado despido a pender ao seu lado. “Quero uns óculos de mergulho”, ofegou, desafiador e suplicante.

Ela lançou-lhe um olhar paciente e inquiridor enquanto disse com descontração “Bem, claro, querido”.

Mas já, já já! Ele tem de os ter neste minuto, e não em nenhum outro momento. Resmungou e importunou-a até ela ir com ele a uma loja. Assim que ela comprou os óculos, ele apanhou-os da mão dela como se ela fosse reivindicá-los para si, e foi embora, descendo a correr o caminho íngreme, para a baía.

Jerry nadou para a grande barreira de rocha, ajustou os óculos e mergulhou. O impacto da água rompeu o vácuo fechado de borracha, e os óculos soltaram-se. Percebeu que tinha de nadar para baixo até à base da rocha desde a superfície da água. Ajustou os óculos apertados e firmes, encheu os pulmões, e flutuou, com a cara para baixo, na água. Agora, conseguia ver. Era como se tivesse olhos de um tipo diferente – olhos de peixe que mostravam tudo nítido e delicado e a oscilar na água brilhante.

Por baixo dele, a um metro e oitenta ou dois de profundidade, estava um chão de areia perfeitamente limpa e branca a brilhar, ondulada firme e rigidamente pelas marés. Duas sombras cinzentas andavam por ali, como longos e arredondados pedaços de madeira ou ardósia. Eram peixes. Ele viu-os a aproximar-se um do outro, a pairar imóveis, a fazer um movimento rápido para a frente, a desviar-se, e voltar de novo. Era como uma dança na água. Alguns metros acima deles, a água cintilava como se estivessem a cair lantejoulas por ela. Peixes outra vez – miríades de peixes minúsculos, do comprimento da unha dele, a flutuar pela água, e em pouco tempo, podia sentir os inumeráveis pequenos toques deles contra os seus membros. Era como nadar em escamas de prata. A rocha grande que os rapazes crescidos tinham atravessado erguia-se abrupta na areia branca – preta, tufada ligeiramente com erva esverdeada. Não conseguia ver nenhuma abertura nela. Nadou até à sua base.

Uma e outra vez subiu, encheu o peito de ar, e desceu. Uma e outra vez, tateou a superfície da rocha, sentindo-a, quase a abraçando numa necessidade desesperada de encontrar a entrada. E então, uma vez, enquanto

se agarrava à parede negra, os joelhos vieram acima e ele atirou os pés para a frente e não encontrou obstáculo. Tinha encontrado o buraco.

Alcançou a superfície, escalou com esforço as pedras que cobriam a barreira de rocha até que encontrou uma grande, e, com ela nos braços, deixou-se cair sobre o lado da rocha. Caiu, com o peso, directo ao fundo de areia. Agarrado firmemente à âncora de pedra, deitou-se de lado e olhou debaixo da saliência escura para o lugar onde os seus pés tinham entrado. Podia ver o buraco. Era uma abertura irregular e escura; mas não podia ver muito fundo. Largou a sua âncora, agarrou-se com as mãos aos cantos do buraco, e tentou empurrar-se para dentro.

Meteu a cabeça lá dentro, deu com os ombros encravados, moveu-os de lado, e estava dentro até à cintura. Não conseguia ver nada à frente. Algo suave e pegajoso tocou-lhe na boca; viu uma fronde escura a mover-se contra a rocha acinzentada, e o pânico apoderou-se dele. Pensou em polvos, em ervas pegajosas. Saiu para trás ... e vislumbrou, à medida que recuava, um tentáculo inofensivo de alga à deriva na boca do túnel. Mas já chegava. Alcançou a luz do sol, nadou para a costa, e deitou-se na rocha de mergulho. Olhou para baixo para o poço azul de água. Sabia que tinha que encontrar o caminho através daquela caverna, ou buraco, ou túnel, e sair do outro lado.

Primeiro, pensou, tinha que aprender a controlar a respiração. Deixou-se cair na água com outra grande pedra nos braços, para que pudesse deitar-se sem esforço no fundo do mar. Contou. Um, dois, três. Contou de forma constante. Conseguia ouvir o movimento do sangue no peito. Cinquenta e um, cinquenta e dois... Doía-lhe o peito. Largou a pedra e foi para cima para o ar. Viu que o sol estava baixo. Apressou-se para a casa de férias e encontrou a mãe a jantar. Ela apenas disse “Divertiste-te?” e ele disse “Sim.”

Toda a noite o rapaz sonhou com a caverna cheia de água nas rochas, e assim que o pequeno-almoço tinha acabado foi para a baía.

Nessa noite, o seu nariz sangrou muito. Tinha estado debaixo de água durante horas, a aprender a sustentar a respiração, e agora sentia-se fraco e tonto. A mãe disse, “Não exagerava as coisas, querido, se fosse a ti”.

Nesse dia e no seguinte, Jerry exercitou os pulmões como se tudo, toda a sua vida, tudo no que se tornaria, dependesse disso. Outra vez o nariz sangrou à noite, e a mãe insistiu na sua ida com ela no dia seguinte. Para ele,

era um tortura desperdiçar um dia da sua meticulosa auto-formação, mas ficou com ela naquela outra praia, que agora parecia um lugar para crianças pequenas, um lugar onde a sua mãe podia deitar-se ao sol em segurança. Não era a praia dele.

Não pediu autorização, no dia seguinte, para ir para a praia dele. Foi, antes que a mãe pudesse considerar os complicados prós e contras do assunto. Um dia de descanso, descobriu, tinha melhorado a sua contagem em dez. Os rapazes crescidos tinham passado enquanto ele contava até cento e sessenta. Tinha estado a contar depressa, com medo. Provavelmente agora, se tentasse, poderia atravessar aquele longo túnel, mas ainda não ia tentar. Uma persistência curiosa, nada infantil, uma impaciência controlada, fê-lo esperar. Entretanto, deitava-se debaixo de água na areia branca, coberta agora por pedras que tinha trazido para baixo, e estudava a entrada para o túnel. Conhecia cada saliência e recanto dele, tanto quanto era possível ver. Era como se já sentisse a sua aspereza nos ombros.

Sentava-se à beira do relógio na casa de férias, quando a mãe não estava perto, e verificava o seu tempo. Ficou incrédulo e depois orgulhoso por descobrir que era capaz de suster o fôlego sem esforço durante dois minutos. As palavras “dois minutos”, legitimadas pelo relógio, aproximavam a aventura que lhe era tão necessária.

Passados quatro dias, a mãe disse-lhe casualmente uma manhã, que tinham de ir para casa. No dia antes de irem, iria fazê-lo. Iria fazê-lo nem que isso o matasse, disse para si mesmo de forma desafiadora. Mas dois dias antes de terem de ir embora – um dia de triunfo quando aumentou a sua contagem em quinze – o nariz sangrou tanto que ficou tonto e teve de se deitar flácido sobre a grande rocha como um pedaço de alga, a ver a espessa corrente vermelha de sangue a correr para a rocha e a gotejar lentamente para o mar. Estava com medo. E se ficasse tonto no túnel? E se morresse ali, preso? E se – a cabeça dele andava à roda, no sol quente, e quase desistiu. Pensou que ia voltar a casa e deitar-se, e no próximo verão, talvez, quando tivesse crescido mais um ano – aí atravessaria o buraco.

Mas mesmo depois de ter tomado essa decisão, ou de ter achado que a tinha tomado, viu-se sentado na rocha a olhar para a água; e soube que agora, neste momento, quando o nariz tinha parado de sangrar, quando a cabeça

ainda estava dorida e a latejar – este era o momento em que ia tentar. Se não o fizesse agora, nunca o faria. Tremia com medo de não ir; e tremia com horror perante aquele longo, longo túnel debaixo da rocha, debaixo do mar. Mesmo à luz do sol aberto, a barreira de rocha parecia muito extensa e muito pesada; toneladas de rocha faziam força para onde ele ia. Se morresse ali, repousaria até ao dia – talvez não antes do ano seguinte – em que aqueles rapazes crescidos nadariam em direcção a ele e descobririam-no bloqueado.

Pôs os óculos, ajustou-os firmemente, testou o vácuo. As mãos tremiam. Depois escolheu a pedra maior que conseguia carregar e deslizou pela borda da rocha até que metade dele estava na água fria circundante e metade no sol quente. Olhou uma vez para cima para o céu vazio, encheu os pulmões uma, duas vezes e depois mergulhou depressa até ao fundo com a pedra. Largou-a e começou a contar. Agarrou os cantos do buraco com as mãos e arrastou-se para dentro dele, contorcendo os ombros de um lado para o outro como se lembrava que devia, movendo-se com os pés.

Rapidamente estava completamente dentro. Estava num buraco cercado por rochas e cheio de água cinzenta amarelada. A água empurrava-o contra o tecto. O tecto era afiado e magoava-lhe as costas. Puxou-se com as mãos – rápido, rápido – e usou as pernas como alavancas. A cabeça bateu contra alguma coisa; uma dor aguda atordoou-o. Cinquenta, cinquenta e um, cinquenta e dois. . . . Estava sem luz, e a água parecia esmagá-lo com o peso de rocha. Setenta e um, setenta e dois. . . . Não fazia esforço nos pulmões. Sentia-se como um balão cheio de ar, os pulmões estavam tão leves e calmos, mas a cabeça estava a latejar.

Estava a ser continuamente comprimido contra o tecto afiado, que sentia pegajoso bem como afiado. Pensou novamente em polvos, e questionou-se se o túnel estaria cheio de algas que pudessem enredá-lo. Deu um pontapé apavorado, convulsivo, baixou a cabeça, e nadou. Os seus pés e mãos nadaram livremente, como se de mar aberto se tratasse. O buraco devia ter alargado. Pensou que devia estar a nadar depressa, e estava com medo de bater com a cabeça se o túnel estreitasse.

Cem, cento e um . . . A água ficou lívida. A vitória arrebatou-o. Os pulmões começavam a doer. Mais algumas braçadas e estava fora. Contava descontroladamente; disse cento e quinze, e depois, muito tempo depois, cento

e quinze outra vez. A água era de um verde jóia límpido a toda a volta. Depois viu, por cima da sua cabeça, uma fenda a romper pela rocha. A luz do sol caía através dela, mostrando a rocha escura, limpa do túnel, uma única concha de mexilhão, e escuridão à frente.

Estava no limite do que podia fazer. Olhou para cima para a fenda como se ela estivesse cheia de ar e não água, como se pudesse pôr-lhe a boca e extrair ar. Cento e quinze, ouviu-se a si próprio dizer dentro da sua cabeça – mas tinha-o dito há muito tempo. Devia continuar a ir para a escuridão em frente, ou afogava-se. A cabeça estava a inchar, os pulmões a rebentar. Cento e quinze, cento e quinze martelava na sua cabeça, e agarrou-se debilmente às rochas na escuridão, puxando-se para a frente, deixando o breve espaço de água iluminada pelo sol para atrás. Sentiu que estava a morrer. Já não estava completamente consciente. Lutou na escuridão entre perdas de consciência. Uma dor imensa preenchia-lhe a cabeça, e depois a escuridão estalou com uma explosão de luz verde. As mãos, tacteando à frente, não encontraram nada; e os pés, pontapeando para trás, impulsionavam-no para mar aberto.

Foi levado para a superfície, a cara voltada para o ar. Arfava como um peixe. Sentiu que se ia afundar agora e afogar-se; não conseguia nadar os poucos metros de volta à rocha. Depois estava a agarrá-la e a puxar-se para cima dela. Deitou-se de cara para baixo, a arfar. Não conseguia ver nada senão uma escuridão coagulada, raiada de vermelho. Os olhos devem ter rebentado, pensou; estavam cheios de sangue. Arrancou os óculos e um arranco de sangue entrou no mar. O nariz estava a sangrar, e o sangue tinha enchido os óculos.

Agarrou em mãos cheias de água do mar frio e salgado, para molhar a cara, e não sabia se era de sangue ou água salgada que sentia o gosto. Após algum tempo, o coração acalmou, os olhos clarearam, e sentou-se. Conseguia ver os rapazes da terra a mergulhar e a divertir-se a um quilómetro de distância. Não precisava deles. Não precisava de mais nada senão voltar a casa e deitar-se.

Pouco depois, Jerry nadou para a costa e subiu lentamente o caminho para a casa de férias. Atirou-se para a cama e dormiu, acordando ao som de pés no caminho no exterior. A mãe estava a voltar. Apressou-se para a casa de banho, pensando que ela não devia ver a cara dele com manchas de sangue,

ou manchas de lágrimas. Saiu da casa de banho e encontrou a mãe quando ela entrava em casa, a sorrir, os olhos iluminados.

“Tiveste uma manhã boa?”, perguntou ela, pousando a mão no ombro moreno quente por um momento.

“Oh, sim, obrigado,” disse ele.

“Estás um pouco pálido.” E depois, perspicaz e ansiosa, “Como é que bateste com a cabeça?”

“Oh, apenas bati”, contou-lhe.

Olhou para ele de perto. Estava tenso; os olhos estavam como se vidrados. Ficou preocupada. E depois disse para si própria, “Oh, não exageres! Não pode acontecer nada. Ele nada como um peixe!” Sentaram-se para almoçar juntos.

“Mamã”, disse o rapaz, “consigo ficar debaixo de água durante dois minutos – três minutos, pelo menos.” Saiu-lhe de rompante.

“Consegues, querido?”, disse ela. “Bem, não exageres. Acho que não deves nadar mais hoje.”

Ela estava pronta para uma batalha de vontades, mas ele desistiu imediatamente. Já não era da mínima importância ir para a baía.

Inglaterra contra Inglaterra

“Acho que vou sair,” disse Charlie. “As minhas coisas estão na mala.” Certificou-se que preparava o saco de viagem para que a mãe não o fizesse. “Mas é cedo,” protestou ela. Contudo, já estava a bater as mãos vermelhas uma na outra para livrá-las da água enquanto se virava para se despedir: sabia que o filho ia partir mais cedo para evitar o pai. Mas a porta traseira abriu-se e o Sr. Thornton entrou. Charlie e o pai eram parecidos: altos, excessivamente magros, robustos. O velho mineiro inclinou-se, o cabelo tinha-se tornado em tufos cinzentos, e as bochechas encovadas tinham covas de carvão. O jovem ainda estava fresco, com cabelo loiro vivo e olhos atentos. Mas havia covas de tensão debaixo dos seus olhos.

“Estás sozinho,” disse Charlie involuntariamente, agradado, pronto para se sentar outra vez. O velho não estava sozinho. Apareceram três homens atrás dele na luz que caía no pátio vinda da porta, e Charlie disse rapidamente: “Vou embora, Pai, despeço-me até ao Natal.” Aglomeraram-se todos na pequena cozinha, trazendo com eles o espírito de troça que a Charlie parecia o seu inimigo pessoal rancoroso, como um demónio sempre à espera algures atrás do seu ombro direito. “Então estás de volta às espirais de sonho,” disse um homem, acenando adeus. “Lá vais para os palácios do conhecimento,” disse outro. Ambos sorriam. Não havia qualquer hostilidade naquilo, ou até inveja, mas excluía-o da sua família, para longe do seu povo. O terceiro homem, acrescentando a sua contribuição a este, o filho mais brilhante da vila, disse: “Voltas para um Natal às direitas connosco, então, ou vais andar a divertir-te com os lordes e condes a quem és igual agora?”

“Vai estar em casa pelo Natal”, disse a mãe bruscamente. Voltou-lhes as costas, e deixou cair batatas uma a uma de um saco de papel para uma tigela.

“Por um dia, mais ou menos, em todo o caso,” disse Charlie, em obediência à consciência diligente. “É tempo suficiente para gastar com lenhadores de madeira e desenhistas de água.” O terceiro homem acenou com a cabeça como se dissesse: Está certo! e recolocou a cabeça para deixar sair um rugido aliviado. O pai e os outros dois homens riram-se com ele. O jovem Lennie forçou e empurrou Charlie de forma encorajadora e Charlie deu um empurrão de volta, enquanto a mãe acenava com a cabeça e sorria graças à

brincadeira rude. Contudo, ele não tinha estado em casa durante quase um ano, e quando pararam de rir e quando ficaram à espera que ele partisse, os olhos sérios disseram que estavam a lembrar-se deste facto.

“Desculpa não ter estado mais tempo contigo, filho,” disse o Sr. Thornton, “mas sabes como é.”

O velho mineiro tinha sido secretário do sindicato, era agora presidente, e tinha passado a vida de trabalho como representante dos mineiros numa dúzia de cargos. Quando andava pela vila, homens numa porta traseira, ou mulheres de avental, chamavam: “Só um minuto, Bill,” e vinham atrás dele. Todas as noites, o Sr. Thornton sentava-se na cozinha, ou na sala de estar quando a televisão era reivindicada pelas crianças, a dar conselhos sobre reformas, reclamações, regras de trabalho, subsídios; a preencher formulários; a ouvir histórias de problemas. Desde que o Charlie se lembrava, o Sr. Thornton tinha sido menos seu pai que pai da vila. Agora os três mineiros foram para a sala de estar, e o Sr. Thornton pousou a mão no ombro do filho, e disse: “Foi bom ver-te,” acenou com a cabeça, e seguiu-os. Enquanto fechava a porta disse à mulher: “Faz-nos uma chávena de chá, fazes, moça?”

“Tens tempo para uma chávena, Charlie,” disse a mãe, denotando que não havia necessidade de se apressar agora, quando era pouco provável que mais algum vizinho aparecesse. Charlie não ouviu. Estava a vê-la a chapinhar batatas sujas debaixo da torneira a correr enquanto agarrava com a mão livre a panela. Foi buscar o casaco e a mala, a ouvir a voz interior resmungona que odiava, mas que sentia que era a sua única protecção contra o inimigo rancoroso lá fora: “Não suporto quando o meu pai me pede desculpa – estava a pedir desculpa por não me ver mais. Se ele não fosse como é, melhor do que qualquer pessoa na vila, e a nossa casa a única com livros a sério, eu não podia estar em Oxford, não teria tido sucesso na escola, por isso é uma faca de dois gumes.” A frase “faca de dois gumes” ecoou inquietantemente no seu ouvido interior, e sentiu-se enjoado, como se a terra onde estava tremesse. Os olhos iluminaram-se ao olhar da mãe, parada em frente a ele, o seu olhar fixo perspicaz e não julgador da cara dele. “Eh, rapaz,” disse ela, “não me pareces nada bem.” “Estou bem,” disse apressadamente, e beijou-a, acrescentando: “Diz o que penso às meninas quando elas entrarem.” Saiu, com Lennie atrás dele.

Os dois jovens caminharam em silêncio e passaram por cinquenta cozinhas a abarrotar iluminadas cujas portas se mantinham abertas conforme os mineiros entravam vindos do poço da mina para a refeição. Caminharam em silêncio à frente de mais cinquenta casas. As frentes estavam todas escuras. A vida da vila, mesmo agora, estava nas cozinhas onde grandes chamas rugiam o dia todo no carvão barato. A vila tinha sido construída nos anos trinta pela empresa, agora nacionalizada. Havia duas mil casas, exactamente iguais, com trechos idênticos de jardins da frente cuidadosamente tratados, e jardins traseiros superlotados. Quase todas as casas tinham antena de televisão. De todas as chaminés emanava fumo preto.

Na paragem de autocarro, Charlie voltou-se para olhar de novo para a vila, agora um buraco pequeno e negro, raiado e borrifado com luzes soturnas molhadas. Tentou isolar o clarão da sua própria casa, enquanto pensou em como adorava a sua casa e odiava a vila. Tudo nela o desagradava, contudo, assim que entrava na cozinha era recebido no calor. Nessa manhã, tinha ficado em pé nos degraus e olhado para as linhas de casas de estuque cinzentas em ambos os lados do alcatrão cinzento; para postes de luz cinzentos e feios e sebes vivas acinzentadas, e para além da ponta cinzenta da mina e do diagrama nítido do cume da mina.

Tinha olhado, a ouvir enquanto a dolorosa voz interior dava o sermão: “Não há nada à vista, um objecto ou edificio em algum lugar, que seja bonito. É tudo tão feio e desprezível e deselegante que devia ser arrasado da terra e da memória do Homem.” Não havia sequer um cinema. Havia uns correios, e junto a estes uma biblioteca que tinha histórias românticas e histórias de guerra. Havia duas associações de mineiros onde se podia beber. E havia televisão. Estas eram as comodidades para duas mil famílias.

Quando o Sr. Thornton ficava parado nos degraus e olhava em frente, sorria com orgulho e chamava os filhos para dizer: “Nunca perceberam como pode ser uma cidade de mineiros. Não podem sequer imaginar as condições. Bairros miseráveis, era o que elas eram. Bem, pusemos um fim a tudo isso . . . Sim, lá vão vocês para Doncaster, suponho, para a dança e para o cinema – é tudo no que vocês pensam. E têm tudo como garantido. Agora no nosso tempo . . . “

E então quando Charlie vinha a casa, tinha cuidado para que nenhuma das suas críticas amargas chegassem a palavras, porque acima de tudo, não podia suportar magoar o pai.

Um grupo de jovens mineiros apareceu para o autocarro. Usavam fatos elegantes nos ombros, os bonés colocados à banda, e cachecóis arremessados para trás dos ombros. Cumprimentaram Lennie, olharam para ver quem era o estranho, e quando Lennie disse: “Este é o meu irmão,” acenaram com a cabeça e voltaram-se rapidamente para entrar no autocarro. Subiram, e Lennie e Charlie foram para a frente em baixo. Lennie era parecido com eles, com um boné de tecido forte e um cachecol vistoso. Era baixo, atarracado, forte – “feito para o poço da mina,” dizia o Sr. Thornton. Mas Lennie estava numa fundição em Doncaster. Nenhum poço da mina para ele, dizia. Tinha ouvido o pai tossir durante todas as noites da sua infância, e o poço da mina não era para ele. Mas nunca tinha dito isto ao pai.

Lennie tinha vinte anos. Ganhava dezassete libras por semana, e queria casar com uma rapariga com quem namorava há três anos. Mas não podia casar enquanto o irmão mais velho andasse na faculdade. O pai ainda estava na face do carvão, quando por direitos da idade devia estar na superfície, porque ganhava mais quatro libras por semana na face. A irmã no escritório queria ter sido professora, mas no momento da decisão, todo o dinheiro extra tinha sido necessário para Charlie. Custou-lhes duzentas libras por ano para os extras em Oxford. Os únicos membros da família que não faziam sacrifícios por Charlie eram a estudante e a mãe.

Era meia hora de autocarro e os músculos de Charlie estavam enrijecidos como que preparados para o que Lennie podia dizer, e ao que devia resistir. Contudo, tinha vindo para casa a pensar: Bem, ao menos posso falar sobre isto com o Lennie, posso ser honesto com ele.

Agora Lennie disse com graça, mas com uma inspecção amorosa e ansiosa da cara do irmão: “E a que devemos o prazer da tua companhia, Charlie? Surpreendeste-nos quando disseste que vinhas este fim-de-semana.”

Charlie disse furiosamente: “Cansei-me dos condes e dos duques.”

“Eh,” disse Lennie rapidamente, “mas não precisavas de te lembrar deles, eles não te queriam irritar.”

“Eu sei que não.”

“A mãe tem razão,” disse Lennie, com outro relance ansioso mas cuidadosamente breve, “não pareces muito bem. O que se passa?”

“E se eu não passar nos exames?”, disse Charlie impetuosamente.

“Eh, mas que é isso, então? Foste sempre o primeiro na escola. Eras o melhor de todos. Porque não havias de passar, então?”

“Às vezes penso que não passo,” disse Charlie de forma pouco convincente, mas contente por ter deixado o momento passar.

Lennie examinou-o de novo, desta vez francamente, e fez um movimento como um encolher de ombros. Mas era um levantar de ombros contra uma possível derrota. Sentou-se corcovado, as grandes mãos nos joelhos. Na cara tinha um pequeno sorriso crítico. Não era crítico de Charlie, de todo, mas da vida.

Com o coração a bater dolorosamente com culpa, Charlie disse “Não é assim tão mau, vou passar.” O inimigo interior comentou: “Vou passar, depois vou arranjar um emprego amarecado num escritório de uma editora com outros rapazes pequenos e fracos, ou uma espécie de escriturário. Ou vou ser professor – não tenho talento para ensinar, mas o que importa? Ou vou estar na indústria na parte da administração, a dar ordens às pessoas como o Lennie. E a piada é que o Lennie está a receber mais do que eu deverei ganhar em muitos anos.” O inimigo atrás do ombro direito começou a tocar um sino satiricamente e entoou: “Charlie Thornton, no seu terceiro ano em Oxford, foi encontrado morto, esta manhã, num quarto alugado cheio de gás. Tinha trabalhado de mais. Morte por causas naturais.” O inimigo acrescentou um resfolegar ruidoso e grosseiro e calou-se. Mas estava à espera: Charlie podia senti-lo ali à espera.

Lennie disse: “Foste ao médico, Charlie?”

“Sim. Disse para ter calma. Foi por isso que vim a casa.”

“Não há motivo para te matares a trabalhar.”

“Não, não é sério, só disse que devo ter calma.”

A cara de Lennie permaneceu séria. Charlie sabia que quando chegasse a casa ele ia dizer à mãe: “Acho que o Charlie tem alguma coisa na cabeça.” E a mãe diria (enquanto abanava batatas fritas em gordura a ferver): “Espero que às vezes se questione se o trabalho árduo compensa. E ele vê-te a ganhar, quando ele não ganha.” Devia dizer, após um silêncio durante o qual trocariam

olhares cuidadosos: “Deve ser difícil para ele vir cá, tudo diferente, depois vai embora, tudo diferente outra vez.”

“Não te devias preocupar, mãe.”

“Não estou preocupada. O Charlie está bem.”

A voz interior inquiriu ansiosamente: “Se ela tem razão acerca do resto, suponho que também esteja certa acerca do último bocado – *suponho que estou bem?*”

Mas o inimigo atrás do ombro direito disse: “A melhor amiga do homem é a sua mãe, ela nunca deixa passar nada.”

No ano passado, tinha trazido Jenny por um fim semana, para satisfazer a curiosidade da família acerca das pessoas finas que ele conhecia no presente. Jenny era filha de um pobre sacerdote, estudiosa, um pouco pedante, mas boa rapariga. Lidou facilmente com as correntes complicadas do fim-de-semana, enquanto a família esperava que ela fosse “arrogante”. Depois, a Sra. Thornton tinha dito, pondo o dedo na ferida: “É uma rapariga bem simpática. É uma mãe adequada para ti e isso é um facto.” A última não era uma crítica à rapariga mas a Charlie. Agora, Charlie olhava com inveja para o perfil responsável de Lennie e dizia a ele mesmo: “Sim, ele é um homem. Tem-no sido há anos, desde que deixou a escola. Eu sou um bebé autêntico, e tenho mais dois anos do que ele.”

Acima de tudo o resto, Charlie era levado a sentir, de cada vez que vinha a casa, que estas pessoas, as suas pessoas, eram sinceras; enquanto ele e as pessoas com quem ele agora passava a vida (se passasse no exame) não eram sinceras. Não acreditava nisso. A voz didáctica interior não dava muita importância a tal ideia. O inimigo exterior podia, e ia, parodiar isso de muitas formas. A família não acreditava nisso, tinham orgulho nele. Abrigavam-no. E acima de tudo, ainda pagavam por ele. Com a idade dele, o pai já trabalhava no poço da mina há oito anos.

Lennie estaria casado no ano seguinte. Já falava em família. Ele, Charlie (se passasse no exame), estaria às voltas a lamber botas às pessoas por um emprego, Bacharel em Humanidades, Oxford, e mais um no mercado.

Tinham chegado a Doncaster. Estava a chover. Em breve passariam onde Doreen, namorada de Lennie, trabalhava. “Era melhor saíres aqui,” disse

Charlie. Vais ter esse fardo à chuva.” “Não, não tem mal, vou contigo até à estação.”

Eram mais cinco minutos. “Não acho que seja correcto, o modo como irritas a mãe,” disse Lennie, finalmente directo ao assunto.

“Mas eu não disse uma maldita palavra,” disse Charlie, mudando sem intenção para a sua outra voz, a voz da classe média que ele tinha cuidado para nunca usar com a família excepto em brincadeira. Lennie olhou para ele com surpresa e censura e disse: “É igual. Ela sente-o.”

“Mas é absolutamente ridículo.” A voz de Charlie aumentava. “Ela fica na cozinha o dia todo, a atender cada capricho nosso, quando não está a fazer a lide de casa ou a fazer cem viagens por dia com aquele maldito carvão. . . .” Nas férias de Natal, quando Charlie tinha ido a casa da última vez, tinha fixado um balde na carcaça de um velho carrinho de bebé para facilitar o trabalho da mãe. Esta manhã, tinha visto a invenção caída e cheia de água da chuva no quintal. Após o pequeno-almoço, Lennie e Charlie tinham-se sentado à mesa em mangas de camisa e observado a mãe. A porta estava aberta para o quintal. A Sra. Thornton transportava uma pá cuja lâmina era de vinte e três centímetros por vinte e cinco e andava para trás e para a frente do alçapão do carvão no quintal, pela cozinha, até à sala de estar. Em cada jornada de entrada, um pequeno pedaço de carvão balançava na pá. Charlie apurou que a mãe andou do alçapão do carvão para o fogo da cozinha e o fogo da sala de estar trinta e seis vezes. Andava depressa, a pá à frente, agarrada como uma lança em ambas as mãos, e a cara franzida com um propósito. Charlie tinha largado a cabeça nos braços e rido sem som até que sentiu o olhar de aviso de Lennie e parou o encolher de ombros. Após um momento tinha-se sentado, com cara séria. Lennie disse: “Por que é que implicas com a mãe, então?” Charlie disse: “Mas eu não disse nada.” “Não, mas ela está a ficar irritada. Mostras sempre o que pensas, Charlie.” Como Charlie não respondeu ao seu apelo – por pouco mais que a presença por caridade – Lennie continuou: “Burro velho não aprende línguas.” “Velha! Ela não tem cinquenta anos!”

Agora Charlie disse, continuando a conversa anterior: “Vive como se fosse uma velha. Gasta-se com nada - ” podia acabar o trabalho todo que tem num par de horas se se organizasse. Ou se nos repreendesse de uma vez.”

“O que faria ela então?”

“Fazer? Bem, podia fazer algo para ela mesma. Ler. Ou visitar amigas. Ou alguma coisa.”

“Ela sente. Da última vez que foste embora chorou.”

“Ela *o quê?*” A culpa de Charlie quase o dominava, mas a voz interior didáctica ligou-se a tempo e ele falou através dela: “Que direito temos nós para tratá-la como uma maldita criada? Betty gosta da comida desta e daquela forma, e o pai não come isto e aquilo, e ela fica ali e anima-nos a todos – como uma criada.”

“E quem foi que disse na noite passada que não podia ter gordura na carne e trocou pela dela?” disse Lennie sorrindo, mas repleto de censura.

“Oh, sou tão mau quanto vocês,” disse Charlie, soando a falso. “Fico louco por percebê-lo,” disse, soando sincero. Disse didacticamente: “Todas as mulheres na vila – têm-no como normal. Se alguém as organizasse de forma que tivessem meio-dia para elas mesmas às vezes, pensariam que estavam a ser insultadas – não podem parar de trabalhar. Olha só para a mãe, então. Ela vem a Doncaster para embrulhar doces duas ou três vezes por semana – bem, na verdade perde dinheiro ao fazê-lo, quando paga os bilhetes de autocarro. Eu disse-lhe “Na verdade estás a perder dinheiro ao fazê-lo,” e ela disse “Gosto de sair e ver um pouco de vida.” Um pouco de vida! A embrulhar doces numa maldita fábrica. Por que é que ela não pode vir à cidade uma noite e ter um pouco de diversão sem sentir que tem que pagar por isto embrulhando doces, maldito trabalho forçado? E, na verdade, ela perde ao fazê-lo. Não faz sentido. Elas são seres humanos, não são? Não apenas . . .”

“Não apenas o quê?” perguntou Lennie furioso. Tinha ouvido a tirada de Charlie, a boca a firmar-se rigidamente, os olhos a estreitarem-se. “Chegamos à estação,” disse com alívio. Esperaram que os mineiros jovens parassem de fazer barulho a descer e a sair em vez de saírem à frente deles. “Vou contigo à tua paragem,” disse Charlie; e atravessaram a rua escura, brilhante e suja para a paragem de autocarro oposta que levaria Lennie de volta a Doreen.

“Não é bom pensarmos que vamos mudar, Charlie.”

“Quem disse mudar?” disse Charlie com animação; mas o autocarro tinha chegado, e Lennie já estava a entrar pela parte de trás. “Se tiveres algum problema escreve e diz,” disse Lennie, e a campainha sibilou e a cara

desapareceu à medida que o autocarro iluminado era absorvido pela escuridão com chuviscos raiada de luz.

Havia meia hora antes do comboio para Londres. Charlie ficou parado com a chuva nos ombros, as mãos nos bolsos, perguntando-se se não devia ir atrás do irmão e explicar – o quê? Correu para o outro lado da rua para o bar perto da estação. Era gerido por um irlandês que o conhecia a ele e a Lennie. O lugar ainda estava vazio, sendo logo após a abertura.

“És tu, então,” disse Mike, arrastando-lhe um quartilho de cerveja sem perguntar. “Sim, sou eu,” disse Charlie, balançando-se para cima de um banco.

“E o que há no grande mundo do conhecimento?”

“Oh Jesus, *não!*” disse Charlie. O irlandês piscou o olho, e Charlie disse rapidamente: “Decoraste este lugar para ser o quê?”

O bar tinha sido revestido com painéis de madeira escura. Era feio e reconfortante. Agora tinha meia dúzia de papéis de parede claros e áreas de tinta brilhante, e o estômago de Charlie abalou de novo, a luz encheu-lhe os olhos, e pousou os cotovelos com força para se apoiar, e pôs o queixo nos dois punhos.

“Os jovens gostam,” disse o irlandês. “Mas deixámos o bar na porta ao lado como era para os mais velhos.”

“Devias ter um letreiro em cima Velhos Por Aqui,” disse Charlie. “Teria sabido onde ir.” Levantou cuidadosamente a cara dos punhos, encolhendo os olhos para excluir as cores batalhadoras dos papéis de parede, o brilho da tinta.

“Pareces mal,” disse o irlandês. Era um homem pequeno, redondo, alcoolicamente alegre que, tal como Charlie, tinha duas vozes. Para o inimigo – isto é, para todos os ingleses para quem não olhava como amigos, o que queria dizer pessoas que não eram clientes habituais – punha um sotaque irlandês exagerado que era obrigado, caso ele persistisse, a conduzir às discussões políticas que o deleitavam. Para amigos como Charlie, não se incomodava. Dizia agora: “Só trabalho e nenhuma diversão.”

“É isso,” disse Charlie. “Fui ao médico. Deu-me um estimulante e disse que estou fundamentalmente são e sem ferimentos físicos. “Estás são e sem ferimentos físicos,” disse ele,” disse Charlie, parodiando uma voz da classe alta inglesa, para prazer do irlandês.

Mike piscou o olho, reconhecendo a brincadeira, enquanto a cara profissional divertida se manteve séria. “Não podes ter uma vida tão agitada,” disse num aviso sério.

Charlie riu-se. “Isso foi o que o médico disse. “Não podes ter uma vida tão agitada,” disse ele”.

Desta vez, quando o banco em que estava sentado, e o chão debaixo do banco, se afastaram dele, e o tecto resplandecente se baixou e balançou, os olhos ficaram escuros e mantiveram-se escuros. Fechou-os e agarrou-se com força ao balcão. Com os olhos ainda fechados disse com graça: “É o choque de culturas, é o que é. Fico descontrolado”. Abriu os olhos e viu pela cara do irlandês que não tinha dito aquelas palavras em voz alta.

Disse em voz alta: “Na verdade, o médico tinha razão, ele disse bem. Mas Mike, não vou conseguir, vou reprovar.”

“Bem, não vai ser o fim do mundo.”

“*Jesus*. É isso que eu gosto em ti, Mike, tens uma perspectiva larga da vida.”

“Já volto,” disse Mike, indo servir um cliente.

Há uma semana, Charlie tinha ido ao médico com um folheto policopiado na mão. Chamava-se “Relatório sobre a Crescente Incidência de Esgotamentos nos Estudantes Universitários.” Tinha sublinhado as palavras: “Jovens bolseiros de famílias da classe trabalhadora e da classe média-baixa são particularmente vulneráveis. Para eles, a obtenção de uma licenciatura é obviamente crucial. Além disso, estão debaixo da tensão contínua de se adaptarem aos costumes da classe média que são estranhos para eles. São vítimas de um choque de padrões, um choque de culturas, lealdades divididas.”

O médico, um jovem com cerca de trinta anos, fornecido pelas autoridades da universidade como uma espécie de figura paternal que aconselha em problemas de trabalho, problemas pessoais e (como o alter ego satírico fez questão de sublinhar) em problemas de choques de cultura, olhou uma vez para o folheto e devolveu-o. Tinha sido ele a escrevê-lo. Como, claro, Charlie já sabia. “Quando são os teus exames?” perguntou. *Directo à raiz da questão tal como a mãe*, reparou a voz malévola atrás do ombro de Charlie.

“Tenho cinco meses, doutor, e não consigo trabalhar nem dormir.”

“Há quanto tempo?”

“Tem aumentado gradualmente.” *Desde que nasci*, disse o inimigo.

“Posso dar-te sedativos e comprimidos para dormir, claro, mas isso não vai atingir o que está realmente mal.”

Que é toda esta mistura pouco natural de classes. Não dá, sabe. As pessoas deviam saber o seu papel e manter-se nele. “Queria alguns comprimidos para dormir, mesmo assim.”

“Tens uma miúda?”

“Duas.”

O médico desembolsou um autorização de simpatia de homem do mundo, depois fechou o sorriso e disse: “Talvez ficasses melhor só com uma?”

“*Qual, a figura maternal, ou o meu adorável pedacinho de sexo?*” Talvez ficasse, contudo.”

“Podia providenciar para que tivesses umas conversas com um psiquiatra – bem, se não quiseres não,” disse apressadamente, e o alter-ego rebentou através dos lábios de Charlie numa gargalhada ruidosa e: “O que pode um alienista dizer-me que eu não saiba?” Gargalhou, lançou as pernas para cima; e um cinzeiro rodou sobre o rebordo à volta da sala. Charlie riu-se, observou o cinzeiro, e pensou: Ali, eu sempre soube que era um demónio que estava sentado atrás do meu ombro. Juro que nunca toquei naquele maldito cinzeiro.

O médico esperou que o cinzeiro rodasse perto dele, parou-o com o pé, apanhou-o, pousou-o de novo na secretária. “Não faz sentido ires se te sentes assim.”

Todas as avenidas exploradas, todas as ruas mapeadas.

“Bem, vejamos, foste ver a tua família recentemente?”

“No Natal passado. Não, doutor, não é porque não quero, é porque não posso trabalhar lá.” *Tente trabalhar numa atmosfera de reuniões de sindicato e de televisão e de filmes em Doncaster. Tente, doutor. E, para além disso, todas as minhas energias vão para não os aborrecer. Porque eu aborreço-os. Meu caro doutor, quando nós, rapazes bolseiros, saltamos classes, não somos nós quem sofre, são as nossas famílias. Somos uma despesa, doutor. E para além disso – escrever uma tese, gostava de a ler . . . Chamava-lhe: Efeitos a longo prazo na família da classe operária ou da classe média-baixa de um filho bolseiro cuja existência é uma lembrança perpétua de que eles não são senão*

ignorantes pedaços de terra não cultivados. Que tal isso para uma tese, doutor? Pois, acredito que podia ser eu a escrevê-la.

“Se eu fosse a ti, ia para casa uns dias. Tenta não trabalhar de todo. Vai ao cinema. Dorme e come e deixa-os fazer um alvoroço contigo. Avia esta receita e anda ver-me quando voltares.”

“Obrigada, doutor, eu venho.” *Diz bem.*

O irlandês voltou e encontrou Charlie a rodar uma moeda, tão absorto nesse jogo que nem o viu. Primeiro rodou-a com a mão direita, no sentido oposto ao do relógio, depois com a esquerda, no sentido do relógio. A mão direita representava o alter-ego zombador. A mão esquerda era a voz didáctica e racional. A mão esquerda era capaz de manter a moeda num giro impressionante durante muito mais tempo que a direita.

“És ambidextro?”

“Sim, sempre fui.”

O irlandês viu o franzir das sobranceiras do rapaz, a concentração com os dentes cerrados por um bocado e serviu-lhe um whisky duplo. “Bebe isso, apanha o comboio e dorme.”

“Obrigado, Mike. Obrigado.”

“Era uma bela rapariga, aquela que tinhas contigo da última vez.”

“Discuti com ela. Ou melhor, ela deu-me com os pés. E muito bem.”

Após a visita ao médico, Charlie tinha ido directo ter com Jenny. Tinha ridicularizado a entrevista enquanto ela estava sentada, a ouvir séria. Depois deu-lhe o sermão sobre a estúpida insensibilidade inalterável de qualquer pessoa em qualquer lado nascida na classe média. Mais ninguém para além de Jenny tinha ouvido este sermão. Ela disse, por fim: “*Devias* ir e consultar um psiquiatra. Não, não vês, não é justo.”

“Para quem, para mim?”

“Não, para mim. Para que serve estares sempre a gritar comigo? *Devias* dizer-lhe essas coisas a ele.”

“O quê?”

“Bem, de certeza que percebes isso. Passas o tempo a dar-me sermões. Tu usas-me, Charles. (Ela tratava-o sempre por Charles.)

O que ela estava realmente a dizer era: *Devias* estar a fazer amor comigo, não a dar-me sermões. Charlie não gostava mesmo de fazer amor

com Jenny. Ele obrigava-se quando a prostituta crescente e o modo acusador dela lhe lembravam que ele devia fazê-lo. Ele tinha outra rapariga, da qual não gostava, uma rapariga alta, viva da classe média, chamada Sally. Chamava-lhe, a gozar: Charlie. Quando ele bateu com a porta do quarto de Jenny, foi para Sally e lutou para entrar na cama dela. Cada acto de sexo com Sally era uma subjugação lenta e fria dela por ele. Nessa noite disse, quando ela se estendeu, por fim, por baixo dele: “Filho da labuta com as mãos calejadas conquista através da sua virilidade ferosa filha bonita das classes endinheiradas. E se ela não adora.”

“Oh, gosto mesmo, Charlie.”

“Não sou nada senão um maldito símbolo sexual.”

“Bem,” murmurou, já segura de si, libertando-se, “é tudo o que sou para ti.” Acrescentou em desafio, mostrando que se preocupava, e que era culpa de Charlie: “E não me podia importar menos.”

“Querida Sally, o que eu gosto em ti é da tua bonita honestidade.”

“É disso que gostas em mim? Pensava que era a excitação de me dominares.”

Charlie disse ao irlandês: “Discuti com toda a gente que conheço, nas últimas semanas.”

“Também discutiste com a tua família?”

“Não,” disse, consternado, enquanto o bar girava em torno dele de novo. “Meu Deus, não,” disse num tom diferente – grato. Acrescentou de forma selvagem: “Como podia? Nunca lhe posso dizer o que realmente penso.” Olhou para Mike para ver se tinha mesmo dito aquelas palavras em voz alta. Tinha, porque Mike agora dizia: “Então sabes como me sinto. Vivo há trinta anos neste país sujo, e se vocês, tipos arrogantes, soubessem o que penso metade do tempo.”

“Mentiroso. Dizes o que pensas, desde Cromwell a Black and Tans e Casement. Nunca te deixas ficar. Mas não custa dizê-lo.

“A ti, custa?”

“Sim. Mas é tudo louco. Percebes como tudo é louco, Mike? O meu pai. Pilar da classe operária. Partido Trabalhista, sindicato, tudo. Mas tenho tido cuidado com a língua para não dizer que passei o semestre passado a fazer

campanha – ele tem como garantido, mesmo agora, que os britânicos deviam maltratar os negros.”

“Vocês são uma grande nação,” disse o irlandês. “Mas não é culpa tua, por isso bebe esse copo e toma outro.”

Charlie bebeu o primeiro whisky e puxou para si o segundo copo. “Não vêes o que quero dizer?”, disse, a voz a levantar-se com animação. “Não vêes que é tudo *louco*? Olha a minha mãe, a irmã dela está doente e parece que vai morrer. Há duas crianças e a minha mãe vai tomar conta delas. São miudinhos, três e quatro anos, é como começar uma família de novo. Ela não pensa nada sobre isto. Se alguém tiver um problema, ela é a ingénua, sempre. Mas lá se senta e fica: “Aqueles delinquentes juvenis devem ser açoitados até não terem sensibilidade.” Ela leu aquilo nos jornais e então di-lo. Disse-mo a mim e eu fiquei com a boca fechada. E eles são todos parecidos.”

“Sim, mas tu não vais mudar isso, Charlie, por isso bebe tudo.”

Um homem em pé uns metros abaixo do bar tinha um jornal a sair-lhe do bolso. Mike disse-lhe: “Senhor, posso pedir-lhe emprestado o seu jornal para ver os vencedores?”

“Sinta-se à vontade.”

Mike voltou o jornal para a página de trás. “Usei cinco libras hoje,” disse. “Perdi-as. Adorável pedaço de carne de cavalo, mas perdi-as.”

“Espera,” disse Charlie com excitação, endireitando o jornal para conseguir ver a página da frente. ASSASSINO DE GUARDA-ROUPA TEM SEGUNDA OPORTUNIDADE, dizia. “Vês aquilo?” disse Charlie. “O Ministro do Interior diz que ele pode ter uma segunda oportunidade; podem rever o caso, diz ele.”

O irlandês leu, com cara séria. “Pois diz,” afirmou.

“Bem, quero dizer, ainda há alguma decência, então. Quero dizer, se o caso pode ser revisto isso mostra que eles se *preocupam* com alguma coisa ao menos.”

“Não vejo, de todo, da mesma forma que tu. É Inglaterra contra Inglaterra, só isso. Jogo limpo por todo o lado, mas vão pendurar o pobre tipo no dia designado, como sempre.” Virou o jornal e pesquisou as notícias da corrida.

Charlie esperou que os seus olhos ficassem límpidos, segurou-se com firmeza com uma mão assente no balcão, e bebeu o seu segundo duplo. Atirou uma nota de uma libra, lembrando-se que tinha que durar três dias e que agora que tinha discutido com Jenny não tinha onde ficar em Londres.

“Não, é por minha conta,” disse Mike. Eu convidei-te. Foi um prazer verte, Charlie. E não carregues os pecados do mundo nos teus ombros, rapaz, porque isso não faz bem a ninguém, pois não?”

“Até ao Natal, Mike, e obrigado.”

Saiu com cuidado para a chuva. Não havia solidão possível no comboio nessa noite, por isso escolheu um compartimento com uma pessoa, e instalou-se num canto antes de ver quem era que estava com ele. Era uma rapariga. Viu depois que era bonita, e depois que era da classe alta. Outra Sally, pensou, pressentindo o perigo, ao ver a pequena cara calma e independente. Hei, tu aí, Charlie, disse para si mesmo, mantém-te na ordem, ou já foste. Instalou-se com cuidado: *e/le*, Charlie, era agora uma barriga quente, confortada pelo whisky, já um pouco enjoado. Pouco acima, como um alto-falante silencioso, estava a fonte da voz intimidante. Atrás do ombro esperava o sorriso conhecido. *Deve mantê-los a todos separados*. Testou a voz didáctica: “Não tem culpa, pobre cabra, vítima do sistema de classes, não consegue evitar ver toda a gente abaixo dela como lixo . . .” Mas o álcool estava a trabalhar com força e entretanto o conhecido avaliava: “Ela tem uma boa aparência, mas não me consegue compreender. As minhas roupas estão bem, o meu corte de cabelo está alinhado, mas há algo que a faz pensar. Está à espera que eu fale, depois decide-se. Bem, primeiro atraio-a e depois falo.”

Captou o olhar e sinalizou um convite, mas era um convite agressivo, para o tornar duro para ela. Após um pouco, ela sorriu para ele. Depois tornou o discurso mais áspero até um ponto de incompreensão e disse: “Não preferia q’ a janela estivesse p’ra cima? C’ a chuva e c’ o vento e tudo.”

“O quê?” disse rispidamente, a cara a alongar-se em tal franqueza cómica de choque que ele se riu, e depois inquiriu impecavelmente: “Na verdade está bastante frio, não está? Não preferia ter a janela para cima?” Ela pegou numa revista e deteve-o enquanto ele observava, a sorrir, o sangue a correr desde a gola do fato elegante até à linha do cabelo.

A porta deslizou; entraram duas pessoas. Era um homem e a mulher, ambos pequenos, enrugados na cara e no corpo, e vestidos no seu melhor para Londres. Era uma agitação e um levantar de malas e desculpas murmuradas por causa dos dois jovens superiores. Depois a mulher, tendo-se instalado num canto, olhou fixamente para Charlie, enquanto ele pensou: Um abismo chama outro abismo¹, *ela* sabe bem quem eu sou; ela não é enganada pela ornamentação. Tinha razão, porque depressa ela disse familiarmente: “Podes subir a janela por mim, rapaz? Está uma noite muito fria, sem dúvida.”

Charlie subiu a janela, sem olhar para a rapariga, que se escondia atrás da revista. Agora a mulher sorria, e o homem sorria também, por causa do à vontade dela com o jovem.

“Estás confortável assim, Pai?” perguntou ela.

“O suficiente,” disse o marido num comentário estóico de resmungão inveterado.

“Põe os pés para cima ao meu lado, em todo o caso.”

“Mas eu estou bem, rapariga,” disse com coragem. Depois, fazendo disso um favor, desapertou os atacadores, aliviou os pés dentro de sapatos demasiado novos, e colocou-os no banco ao lado da mulher.

Ela, por seu lado, estava a tirar o chapéu. Era de feltro sem forma cinzento, com uma rosa na frente. A mãe de Charlie tinha um distintivo de respeitabilidade semelhante, renovado a cada ano ou assim nos saldos. O dela era sempre de feltro azulado, com um pedaço de fita de rede grosseira, e preferia ser vista morta do que sem ele em público.

A mulher sentou-se a mexer o cabelo, que era fino e a ficar grisalho. Por alguma razão, a visão do seu escalpe rosado e imaculado a brilhar através dos tufos cinzentos punham Charlie descontrolado com raiva. Foi surpreendido, e outra vez falou para si mesmo, fazendo a voz didáctica dar o sermão: “A mulher trabalhadora destas ilhas desfruta de uma posição na família superior à da mulher da classe média, et cetera, et cetera, et cetera.” Isto era um artigo que tinha lido recentemente, e continuou a recita-lo, até que percebeu que a voz se tinha tornado um escárnio aberto, e dizia: “Ela não é apenas o baluarte emocional da família, mas é frequentemente o sustento da família também,

¹ Citação bíblica: “Um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas catadupas; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado sobre mim”, Salmos 42:7

como por exemplo, a embrulhar doces à noite, trabalho pesado por prazer, qualquer coisa para a tirar da casa feliz durante umas horas.”

A fusão das duas vozes, a incómoda voz interior, e o escárnio da força perigosa do exterior aterrorizava Charlie, e disse a si mesmo precipitadamente: Estás bêbedo, só isso; agora mantém a boca fechada, por amor de Deus.

A mulher estava a perguntar-lhe: “Está a sentir-se bem? “

“Sim, estou bem,” disse com cuidado.

“A caminho de Londres?”

“Sim, vou a caminho de Londres.”

“É um longo tédio.”

“Sim, é um longo tédio.”

Neste diálogo de ecos, a rapariga baixou a revista para lhe lançar um olhar penetrante e desdenhoso, de cima a baixo. A cara estava agora rosa suave, e a pequena boca rosa estava a julgar.

“Tens a boca como um botão de rosa,” disse Charlie, ouvindo horrorizado estas palavras a emergir dele.

A rapariga sacudiu a revista. O homem olhou rispivamente para Charlie, para ver se tinha ouvido bem, e depois para a mulher, por orientação. A mulher olhava com suspeita para Charlie, que lhe ofereceu um piscar de olho lento e desesperado. Ela aceitou-o, e acenou com a cabeça ao marido: rapazes serão sempre rapazes. Ambos olharam de relance com prudência para a face brilhante da revista.

“Também estamos a caminho de Londres,” disse a mulher.

“Então estão a caminho de Londres.”

Pára, disse a si mesmo. Sentiu um sorriso tolo e negligente na cara, e a língua estava a aumentar na boca. Fechou os olhos, tentando chamar Charlie em sua ajuda, mas a barriga estava às voltas, quente e enjoada. Acendeu um cigarro por apoio, vendo as mãos a trabalhar. “Filho do ensino de mãos delicadas, precisa muito de uma manicura,” comentou a voz suave no ouvido; e viu um cigarro composto numa paródia do gesto ordinário entre os dedos de nicotina exibida. Charlie, a fumar com compostura, sentou-se preservando um sorriso sarcástico e educado.

Charlie estava no aperto do pavor. Tinha medo de deslizar pelo banco. Já não conseguia controlar-se.

“Londres é um lugar grande, para estranhos,” disse a mulher.

“Mas é uma grande mudança,” disse Charlie, a esforçar-se.

A mulher, agradada que uma conversa a sério estivesse finalmente a decorrer, acomodou a pobre cabeça velha contra a protuberância de couro, e disse: “Sim, é uma grande mudança.” O brilho no couro confundia os olhos de Charlie; olhou para a revista, mas o seu cintilar, também, parecia invadir-lhe as pupilas. Olhou para o chão sujo procurando conforto, e disse: “É bom para as pessoas fazer uma mudança de vez em quando.”

“Sim, é o que digo ao meu marido, não é, Pai? É bom para nós escapar de vez em quando. Temos uma filha casada em Streatham.”

“É uma coisa boa, os laços familiares.”

“Sim, mas é um tédio,” disse o homem. “Diga-se o que se disser, mas é. Afinal, quer dizer, quando está tudo dito.” Fez uma pausa, a cabeça de lado, com um olhar de debate, à espera que Charlie prosseguisse.

Charlie disse: “Não se pode negar, diga-se o que se disser, quer dizer, não há dúvida *disso*. “E olhou com interesse para o homem esperando por resposta.

A mulher disse: “Sim, mas da forma que eu vejo, é preciso sair de si mesmo às vezes, veja isso dessa forma.”

“Está tudo muito bem,” disse o marido, numa observação satisfeita mas resmungona, “mas se vais fazer isso, bem, para começar, é uma despesa.”

“Se não se quer gastar dinheiro mal gasto,” disse Charlie judiciosamente. “Quer dizer, qual é o objectivo?”

“Sim, é isso,” disse a mulher animada, a sua velha cara alegre. “É o que eu digo ao Pai, qual é o objectivo se não te descontrais?”

“Quer dizer, a vida já é má o suficiente como é,” disse Charlie, vendo a revista a baixar devagar. Tinha sido colocada no banco. A rapariga agora sentada, duas pequenas mãos com luvas castanhas num colo de tweed ruivo, com o olhar fixado nele. Os seus olhos azuis lançaram-se ao dele, e ele desviou o olhar rapidamente.

“Bem, eu consigo ver isso bem,” disse o homem, “mas novamente, tem que saber onde parar.”

“Está certo,” disse Charlie, “está tremendamente certo.”

“Eu sei que isso está bem para alguns,” disse o homem, “eu sei isso, mas se vai fazer isso tens de reflectir. É isso que eu penso.”

“Mas Pai, sabes que gostas, depois de estares lá e a Joyce te ter instalado no teu canto com a tua própria cadeira e a tua chávena.”

“Ah,” disse o homem, acenando com a cabeça com força, “mas não é assim tão fácil, pois não? Bem, quer dizer, não há dúvida disso.”

“Ah,” disse Charlie, abanando a cabeça, sentindo-a a deslizar pesadamente no suporte do seu pescoço, “mas se vai considerar tudo, então qual é o objectivo? Quer dizer, o que eu penso é que, para começar, não há dúvida disso.”

A mulher hesitou, começou a dizer alguma coisa, mas deixou os seus pequenos olhos brilhantes esmorecer. Começava a corar.

Charlie continuou compulsivamente, a cabeça à volta como a de um homem automático: “É ao que se está habituado, é o que eu digo, bem, quero dizer. *Bem*, e há outra coisa, quando tudo foi feito, e afinal, se se vai ter uma coisa com outra . . .”

“Pare,” disse a rapariga, numa voz alta aguda.

“É uma questão de princípio,” disse Charlie, mas a cabeça tinha parado de deslizar e os olhos tinham-se focado.

“Se não paras vou chamar o guarda e vais para outro compartimento,” disse a rapariga. Aos idosos disse numa voz justiceira e escandalizada: “Não vêem que ele se está a rir de vocês? Não vêem?” Levantou a revista de novo.

Os idosos olharam desconfiados para Charlie, e um para o outro com dúvida. A cara da mulher estava muito rosada e os olhos muito brilhantes e intensos.

“Acho que vou dormir a sesta,” disse o homem, com hostilidade geral. Instalou os pés, pôs a cabeça para trás, e fechou os olhos.

Charlie disse: “Com licença,” e saiu no seu caminho para o corredor por cima das pernas do homem, depois das pernas da mulher, murmurando: “Com licença, com licença, desculpe.”

Ficou no corredor, as costas sacudidas contra a madeira inconstante dos lados dos compartimentos. Os seus olhos estavam fechados, as lágrimas a correr. Palavras, agora não articuladas, resmungonas e baralhadas algures dentro dele, uma corrente de frases assustadas em protesto.

Madeira deslizou contra madeira perto dos seus ouvidos, e ouviu a suavidade de um corpo vestido na madeira.

“Se for aquela maldita miudita eu mato-a,” disse uma voz, pequena e calma, do seu diafragma.

Abriu os olhos assassinos e viu a mulher. Parecia preocupada.

“Desculpe,” disse, firme e triste, “desculpe, eu não queria. . .”

“Está tudo bem,” disse ela, e pousou as duas mãos vermelhas nos antebraços cruzados que tremiam. Pegou nos dois pulsos, e pousou-lhe os braços gentilmente ao longo do corpo. “Não se responsabilize” disse, “está tudo bem, está tudo bem, filho.”

A rejeição tensa do corpo fez-lhe dar um passo atrás. Mas ela manteve-se no sítio e disse: “Agora olha, filho, não faz sentido responsabilizar-se assim, bem, pois não? Quero dizer, tem que ter tudo em conta, e não há outra forma de olhar para isso.”

Esperou, de frente para ele, perturbada mas segura de si mesma.

Após um bocado Charlie disse: “Sim, suponho que esteja certa.”

Ela assentiu e sorriu, e voltou para o compartimento. Após um momento, Charlie seguiu-a.

Bibliografia:

FAWCETT, Peter. *Translation and Language: Linguistic Theories Explained*, St. Jerome Publishing, Manchester, 1997

HORNBY, A.S., *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 7th ed., Oxford, 2005

LESSING, Doris. *A boa terrorista* (Trad. de Bernardette Pinto Leite), Europa-América, Mem Martins, 1988.

____ *A Erva Canta* (Trad. de Daniel Gonçalves), Ulisseia, Lisboa, 1964.

____ *A Fenda* (Trad. de Alice Rocha), Presença, Lisboa, 2008.

____ *As Avós e Outras Histórias* (Trad. de Fernanda Pinto Rodrigues), Presença, Barcarena, 2008.

____ *Documentos relativos aos agentes sentimentais no Império de Volyen: Canopus em Argos: arquivos* (Trad. de Margarida Gomes e Eduardo Gomes), Europa-América, Mem Martins, 1986.

____ *O Quinto Filho* (Trad. de Cristina Rodriguez), Círculo de Leitores, Lisboa, 1988.

____ *O Verão Antes das Trevas* (Trad. de Fernanda Pinto Rodrigues), Livros do Brasil, Lisboa, 1974.

____ *Stories*, New York: Vintage Books, 1980.

____ *Through the Tunnel*, Iowa: Perfection Learning, 1989.

____ *Um Homem e Duas Mulheres* (Trad. de António Gonçalves), Ulisseia, Lisboa, 1965.

____ *Um Homem e Duas Mulheres* (Trad. de António Gonçalves), Ulisseia, Lisboa, 2007.

VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*, London: Routledge, 200

Jornais, revistas e publicações académicas:

De Olhos Abertos para a Espiral dos Tempos: Aprendizagem do Romance de Doris Lessing, Luísa Maria Rodrigues Flora, 2003, in *Revista de Estudos Anglísticos na Universidade de Lisboa: III. Dissertações de Doutoramento (1959-2004)*

O Pesadelo da Repetição: Imagens da Condição Feminina em Contos de Doris Lessing, Amélia Maria da Conceição Miranda Joaquim, 2003, in *Revista de Estudos Anglísticos na Universidade de Lisboa: II. Dissertações de Mestrado (1985-2003)*, “Doris Lessing vence contra as previsões”. *Expresso*, 11 de Outubro de 2007.

De Herland de Gilman a The Cleft de Lessing : a revisão da ideia de humano, Maria Adelaide Maia Torres, 2009, Porto

“Prémio Nobel da Literatura para Doris Lessing”. *Público*, 11 de Outubro de 2007.

Editorial “Presença lança livro de Doris Lessing”. *Diário de Notícias*, 18 de Outubro de 2007

“Doris Lessing edita em Maio última obra literária”. *Diário de Notícias*, 21 de Abril de 2008.

“Primeiro Eva, só depois Adão”. *Visão*, 23 de Abril de 2008.

“Chorar pela mãe”. *Actual*, 3 de Maio de 2008.

“Gatos e mais gatos”. *Blogue do JL: Blogue de Letras, Artes e Ideias*, 10 de Junho de 2008.

“Presença lança novo livro de Doris Lessing”. *Jornal De Notícias*, 1 de Setembro de 2008.

“Histórias imperiais”. *Ípsilon*, 12 de Setembro de 2008.

“Ahead of her time”, *The Guardian*, 6 de Dezembro de 2008 (jornal online)

“O género que amedronta escritores”. *Ípsilon*, 12 de Dezembro de 2008.

Índice:

Resumo	3
Abstract	3
Introdução	4
“Through the Tunnel” e “England versus England”: temas abordados pelas obras	5
Obras de Doris Lessing traduzidas em Portugal	9
Recepção crítica de Doris Lessing em Portugal	11
Doris Lessing em publicações académicas	14
Introduções às obras de Doris Lessing	15
Dificuldades encontradas nas traduções	18
Conclusão	23
A passagem do túnel	24
Inglaterra contra Inglaterra	34
Bibliografia	54